

Entrevistas:

Adriana Martins

Rogério Ladeira

Pág. 5 e 18

EDIÇÃO 3 | ANO 2
DEZEMBRO DE 2014
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

R E V I S T A

Vertentes Cultural

A revista do Sicoob Credivertentes

ORATÓRIO: fé, infância e transformação

Pág. 25

Nhá Chica: a (quase) santa são-joanense

Pág. 21

Gula? São Tiago perdoa

Pág. 35

Coronel Xavier Chaves e a arte em pedra

Pág. 29


A vida - e as escrituras - de Tonico do Cartório

Pág. 39



CONVERSINHA MINEIRA

Fernando Sabino

- 
- É bom mesmo o cafezinho daqui, meu amigo?
 - Sei dizer não, senhor. Não tomo café.
 - Você é dono do café... Não sabe dizer?
 - Ninguém tem reclamado dele não, senhor.

 - Então me dá café-com-leite, pão e manteiga.
 - Café com leite só se for sem leite.
 - Não tem leite?
 - Hoje não, senhor.
 - Por que hoje não?
 - Porque hoje o leiteiro não veio.
 - Ontem ele veio?
 - Ontem não.
 - Quando é que ele vem?
 - Tem dia certo não, senhor. Às vezes vem, às vezes não vem. Só que no dia que devia vir em geral não vem.

 - Mas ali fora está escrito "Leiteria"!
 - Ah, isso está sim, senhor.
 - Quando é que tem leite?
 - Quando o leiteiro vem.

 - Tem ali um sujeito comendo coalhada. É feita de quê?
 - O quê? Coalhada? Então o senhor não sabe de que é feita a coalhada?
 - Está bem, você ganhou. Me traz um café-com-leite sem leite. Escuta uma coisa: como é que vai indo a política aqui na sua cidade?

 - Sei dizer não, senhor: eu não sou daqui.
 - E há quanto tempo o senhor mora aqui?
 - Vai para uns 15 anos. Isto é, não posso agarrar com certeza: um pouco mais, um pouco menos.
 - Já dava para saber como vai indo a situação, não acha?

 - Ah, o senhor fala da situação? Dizem que vai bem.
 - Para que Partido?
 - Para todos os Partidos, parece.
 - Eu gostaria de saber quem é que vai ganhar a eleição aqui.
 - Eu também gostaria. Uns falam que é um, outros falam que outro. Nessa mexida...

 - E o Prefeito?
 - Que é que tem o Prefeito?
 - Que tal o Prefeito daqui?
 - O Prefeito? É tal e qual eles falam dele.

 - Que é que falam dele?
 - Dele? Uai, esse trem todo que falam de tudo quanto é Prefeito.
 - Você, certamente, já tem candidato.
 - Quem? Eu? Estou esperando as plataformas.

 - Mas tem ali o retrato de um candidato pendurado na parede. Que história é essa?
 - Aonde? Ali? Uê, gente: penduraram isso aí...



4 Editorial

Entrevista

5 Adriana Martins
(Gerente-Administrativo)

Primeiro Plano

9 Tchá Tchá: o mito da Tanzânia em SJDR

Economia

12 Família, couro e tradição em Dolores de Campos

Cultura

15 As feras de madeira - e carne e osso - na Vila Carassa

Entrevista

18 Rogério Ladeira
(Gerente de Negócios)

Turismo

21 Nhá Chica: quase santa, quase esquecida

Social

25 A missão (de fé) de um homem só

ESPECIAL

29 Festival de Escultura em Pedra

Memória

32 O êxodo e as raízes de Otto Lara Resende

Vertentes

35 Economia, degustação e turismo: a receita de São Tiago

Vida

39 'Tônico do Cartório' e as escrituras de Resende Costa

Um é pouco, dois é bom, três é... Não, não é demais. Três é a confirmação de que a ideia de uma revista mesclando variedades e cultura – tendo como destaque os homens e mulheres do Campo das Vertentes que as promovem – deu certo.

Três significa, na Numerologia, o equilíbrio – inspirado inclusive no triângulo equilátero –, harmonia, comunicação, entendimento, arte, expressão, representação, sensibilidade, tranquilidade e paz. Numa edição que se afasta da primeira por já não ser um teste de pautas e possibilidades e dá um passo além da segunda, que nos deu um pouco mais de segurança e rompeu com os medos, nada poderia vir a calhar tão bem.

Mas longe de qualquer misticismo, o que nos motivou neste número e nos leva a já pensar “na edição do tetra” é a resposta de cada um de vocês. Gente que pondera o trabalho, questiona daqui, sugere de lá, que vive em todo lugar e nos oferece, como

uma grande dádiva, pautas extraordinárias, incrivelmente bonitas – embora às vezes tristes – e sempre sustentadas por um fator comum: a superação.

E ela volta a permear os roteiros nada cinematográficos e absurdamente reais que você

lerá nas próximas páginas: o missionário que só encontrou a paz tentando solucionar o caos dos outros; os irmãos que transformaram o trabalho artesanal do pai em negócio-modelo em

Dores de Campos; os artesãos que dão vida a toras gigantes de madeira; o tanzaniano que fez a vida no interior mineiro; a filha de escrava quase esquecida na terra natal, mas redimida pela Santa Sé...

“Homens e mulheres comuns que talvez não mudem o mundo, mas transformam o pedaço de chão em que criaram raízes”

Homens e mulheres comuns que talvez não mudem o mundo, mas transformam o pedaço de chão em que criaram raízes, reverterem condenações sociais, descobrem no medo uma célula empreendedora que se multiplica e forma um organismo reprodutor de sonhos, amor, fé, esperança.

Há ainda quem faça arte para agradar os olhos, encantar o paladar ou desatar nós na cabeça; quem tire das incertezas de mercado uma corda para puxar o futuro – desde que isso aconteça com a força-motriz de várias mãos, do conjunto; e quem se empenhe em registrar, ano após ano, linha após linha, carimbo por carimbo, o que cada um construiu.

Que venham mais histórias, mais momentos, mais “pautas ambulantes” que nos emocionem, nos ensinem e possam ganhar as páginas desse projeto que anseia por mais. Boa leitura.

Filiada ao S.C.CREDIMINAS - Cooperativa Central de Crédito de Minas Gerais, à OCEMG - Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais e à OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
João Pinto de Oliveira - Presidente
Paulo Melo - Vice Presidente
Alexandre Nunes Machado Chaves, Antônio Vicente de Andrade, Fabiana A. F. Diéle Barros de Oliveira, Helder José Daher Chaves, Jasminor Martins Vivas, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo, Renivaldo Renaldo Bageto, Vera Lúcia Chaves Resende Santos.

DIRETORIA EXECUTIVA
Jasminor Martins Vivas - Diretor Executivo Administrativo
Luiz Henrique Garcia - Diretor Executivo Financeiro

CONSELHO FISCAL
Efetivos: Bruno Aurélio Santos Leão, Antônio Nunes Silva e Marlon Moredson de Castro
Suplente: Luis Cláudio dos Reis

REVISTA VERTENTES CULTURAL
Revista semestral do SICOOB Credivertentes - Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda.
Endereço: Rua Carlos Pereira, 100
Centro - 36350-000 - São Tiago - MG
Telefax: (32) 3376-1386
E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

CIRCULAÇÃO
São Tiago, Alfredo Vasconcelos, Barbacena, Conceição da Barra de Minas, Coronel Xavier Chaves, Dolores de Campos, Ibertioga, Itutinga, Madre de Deus de Minas, Mercês de Água Limpa, Morro do Ferro, Nazareno, Prados, Resende Costa,

Ritópolis e São João del-Rei.

APOIO OPERACIONAL
Elisa Cibele Coelho

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Mariane Fonseca
Tiragem: 5000 exemplares

DIAGRAMAÇÃO
Mapa de Minas Comunicação Integrada
As matérias veiculadas na Revista Vertentes Cultural do SICOOB Credivertentes podem ser reproduzidas, desde que citadas as fontes.



Gerente-Administrativo

Entre a exatidão dos números e a dimensão do ser

Psicopedagoga, esposa, mãe, gerente-administrativo de uma das maiores cooperativas de Minas Gerais desde 2007. Adriana Martins é, na Credivertentes, um modelo de mulher contemporânea: múltipla e extremamente versátil. Um livro que não deve ser julgado pela capa.

Com voz calma, semblante sereno e sorriso fácil para receber quem quer que a procure, Adriana também sabe tirar da bolsa o pulso firme para questionar e tomar decisões. Postura que aprendeu a mesclar ao longo de 18 anos dividindo a vida entre a cooperativa, o marido, os filhos e trabalhos sociais voluntários. “Minhas primeiras lições de cooperativismo vieram daí. É nesse contato com outras realidades, inclusive chocantes, que entendemos o quanto precisamos uns dos outros e o quanto podemos fazer uns pelos outros”, defende ela, que aposta na “união que faz a força” tanto em casa, se desdobrando entre tarefas cotidianas e supervisão das tarefas escolares dos filhos; quanto na Credi, onde faz questão de estar sempre dialogando com alguém. “A rigidez dos números não tirou de mim a essência humana. E nem vai. Todos aqui sabemos que por trás de todas essas pilhas de papéis estão vidas, histórias. Gente. São as pessoas que fazem a cooperativa”, defende.

Vertentes Cultural – Sua história praticamente se confunde com a da própria Credivertentes. Nesses 18 anos, quais foram as principais mudanças? Você acredita que hoje o cooperativismo é mais compreendido?

Adriana Martins – O tempo é surpreendente... Ele nos desafia, nos incomoda, brinca conosco, é indiferente às nossas percepções. Mas também nos gratifica. Em 2007, a Cooperativa contava com 61 colaboradores. Hoje são 105, além de 10 estagiários. Todos treinados para atender nossas 16 cidades de atuação no Campos das Vertentes. Isso prova que avançamos, mudamos e que o Cooperativismo já alcançou um patamar

de imagem se consolidando.

Exatamente por isso, entre o que somos, o que queremos ser e o que as pessoas pensam que somos há um trabalho árduo de entendimento dos nossos valores: Transparência, Comprometimento, Respeito, Ética, Solidariedade, Responsabilidade. Valores esses que não se finge ter. É preciso que eles existam, de fato, dentro de nós. E está aí uma missão. Precisamos manter o Cooperativismo sempre firme e fiel aos seus princípios, perenizando os processos para que as futuras gerações deem continuidade ao trabalho já realizado.

Vertentes Cultural – O presidente do Conselho de Administração do Sicoob Credivertentes, Sr. João Pinto de Oliveira, foi aclamado como um dos “Semeadores do Cooperativismo” pela Crediminas. No discurso da premiação, ele mencionou grandes lutas e dificuldades enfrentadas ao longo de quase 30 anos. Você vivenciou muitas delas. O que mais marcou? Como analisa essa trajetória?

“O tempo é surpreendente, nos desafia, incomoda, brinca conosco e é indiferente às nossas percepções. Mas também nos gratifica...”

Adriana Martins – A maior marca foi a não-compreensão, por parte de alguns associados, dos propósitos da Cooperativa. Ali se instaurou uma queda de braço entre aqueles que deveriam ser os parceiros primordiais. Foi um grande desgaste. Houve quem quisesse o perdão de dívidas, bens antes dados em garantias pesando na imagem da Credi. O “servir” virou, naquela ocasião, “crime”.

Mas investimentos e trabalhos na divulgação do papel da Cooperativa, de seus valores e de direitos e deveres dos associados, além de educação cooperativista e da profissionalização das Assembleias muito contribuíram para que o cenário passasse da desconfiança à confiança.

Houve uma afinação comunicacional em todas as esferas e com isso nos fortalecemos, avan-



Adriana Martins: 18 anos de história e carisma na Credivertentes

çamos de Cooperativa de Crédito Rural a Cooperativa de Crédito de Livre Admissão em 2012; conseguimos defender e implementar uma administração mais participativa, com gestão compartilhada.

Ocorreram, ainda, investimentos na profissionalização dos próprios associados, que hoje contam com programas como o *Gestão de Qualidade no Campo* (GQC) e o *Balde Cheio*. Essas parcerias foram essenciais para consolidarmos um ponto primordial que defendemos: o desenvolvimento regional. Não por outro motivo houve diminuição da evasão de jovens e adultos para os grandes centros, por exemplo. O futuro também está aqui.

Vertentes Cultural - *No mesmo evento da Crediminas muito foi discutido sobre o quadriênio. O que esperar da cooperativa no período 2015-2018? Como têm tratado as perspectivas pessimistas para a economia nacional nos últimos tempos?*

Adriana Martins - Todos estamos num mesmo barco e a Credivertentes sempre tratou qualquer cenário com seriedade, estudo, cautela e planejamento. Na realidade, as perspectivas pessimistas não podem passar despercebidas, mas os resultados da cooperativa nos mostram que estamos na contramão dessa tendência.

O Sistema tem um olhar abastecido pelo seu legado ao mesmo tempo em que o mantém no cenário atual e foca no futuro para garantir a formação de uma sociedade solidária, humanista, democrática. Assim, com conhecimento do pano de fundo, sabendo da rica diversidade regional, muito trabalho, parcerias, bom senso e amparo diuturno da Mão Divina a nos proteger, guiar e inspirar, conseguiremos levar adiante os ideais altruísticos do Cooperativismo.

Neste quadriênio esperamos um crescimento consolidado e sustentável para os números da cooperativa e, conseqüentemente,

para os nossos associados. Além disso também vislumbramos profissionalização dos negócios, modernização das ferramentas a serviço das comunidades, fidelização dos cooperados.

Vertentes Cultural – *Uma das características mais marcantes do cooperativismo é a participação ampla dos associados, algo que a Crediverentes preza absolutamente e leva a outros patamares com a implantação, por exemplo, do sistema de delegados. Tamanha democracia, comunicação e interação com todas as esferas dá a impressão, para muitos, de que a gestão descentralizada é mais fácil, menos técnica e exigente. Concorda com isso?*

Adriana Martins – Não. E explico o porquê: nossas Assembleias sempre foram tratadas com afinho e muito zelo, mas nos sentíamos incomodados com a inexpressiva participação perante o número total de associados, hoje na casa de 14,2 mil.

Então em 2011 fui indicada pelo diretor Executivo-Administrativo, Sr. Jasminor Martins Vivas, a participar do Programa de Desenvolvimento Executivo do Sicoob Central Crediminas; e junto ao diretor Executivo-Financeiro da Crediverentes, Luiz Henrique Garcia, foi desenvolvido um trabalho de conclusão de curso sobre Governança Corporativa Cooperativa.

O projeto foi implantado com sucesso e sinalizou que a gestão descentralizada requer muita organização, planejamento, técnica, agilidade e profissionalismo. Tudo isso somado ao cuidado e ao respeito que temos pelas nossas comunidades de atuação. Daí nossos esforços em fazer chegar a elas todas as informações. Deu certo. Nas pré-assembleias realizadas em nossas agências no ano de 2014 foram incontestes as provas do nosso “Marketing Número 1”.

É aí que vencemos, todos os dias, um dos maiores desafios: não legar ao esquecimento ou a segundo plano a gestão do negó-

cio com as bases nos preceitos do Cooperativismo, garantindo sua sustentabilidade e construindo uma sociedade mais próspera e justa.

Vertentes Cultural – *Nas suas quase duas décadas de trajetória na Credi, o papel do sexo feminino no mercado se transformou e você protagonizou uma das histórias de ascensão e empreendedorismo num grupo pioneiro em diferentes setores. Em algum momento parou para pensar no que seu percurso representa como mulher e como profissional que galgou tantos degraus?*

Adriana Martins – Felizmente, observamos no Sistema uma presença mais expressiva da mulher e os grandes degraus a serem galgados são da cumplicidade, da confiança e do sigilo: moedas preciosas num cenário de tamanhas incertezas.

Posso dizer que me sinto estimulada na convivência com o sexo oposto porque creio que os perfis se completam e aprendo muito sempre. Mas confesso que não perder a delicadeza, o olhar feminino, a esperança no trato com as pessoas e a temperança nos diversos contextos de tomada de decisões são desafios crucialmente importantes.

Vertentes Cultural – *Com tamanha bagagem e experiências grandiosas, o que acha que falta para a Adriana e para a Credi? O que gostaria de conquistar para você e para a cooperativa nos próximos 18 anos?*

Adriana Martins – Observo que o contexto está cada vez mais complexo e que nós somos

seres incompletos. Se nos é evidente a nossa incompletude, tornamo-nos mais atentos e vigilantes, atitudes típicas do mineiro (*risos*). Na verdade, a cada dia temos a chance de aprender, planejar, agir, corrigir, plantar, colher, viver com a colaboração do outro. O nosso principal Ativo são as pessoas e elas nos desafiam nas convivências interpessoais.

Porém, só a partir delas conquistaremos um olhar sempre novo e o respeito dos associados, das comunidades de atuação. É um ciclo em que daí vem a credibilidade e surge a fidelização aos serviços ofertados pelo Sicoob.

Tudo isso conservando valores indispensáveis ao mesmo tempo em que revemos o que necessita ser revisto, inovando para acompanhar o ritmo da

música. Exatamente por isso desejo mesmo para os próximos 18 anos que a União de nossa Equipe não seja desfeita. Que as decisões primem sempre pelo fortalecimento do Grupo.

“Nosso principal Ativo são as pessoas e elas nos desafiam nas convivências interpessoais. Porém, só a partir delas conquistaremos um olhar sempre novo e o respeito dos associados”

MARIANE FONSECA



Cena corriqueira: comunicação, troca de ideias e contatos pessoais são motes no dia-a-dia da gerente-administrativa

COOPERATIVISMO. TODOS POR UM SÓ OBJETIVO.

O cooperativismo é um sistema de união voluntária de pessoas que, por meio das cooperativas, buscam soluções econômicas para alcançar seus interesses comuns. Por isso, segue princípios para ser cada dia mais justo democrático e capaz de gerar grandes transformações. São eles:

- Adesão voluntária e livre
- Gestão democrática
- Participação econômica dos membros
- Autonomia e independência
- Educação, formação e informação
- Intercooperação
- Interesse pela comunidade

O que se espera de um associado?

Para aproveitar os benefícios de fazer parte do Sicoob é importante participar das assembleias para conhecer os assuntos discutidos, dar sua opinião e considerar a decisão da maioria, sempre observando os direitos que você tem e os deveres que todo associado precisa cumprir. São eles:

direitos	deveres
- Participar das assembleias, votando e discutindo os assuntos tratados;	- Cumprir o estatuto social, os regimentos e os regulamentos internos da cooperativa;
- Votar e ser votado nas assembleias;	- Satisfazer seus compromissos perante a cooperativa;
- Beneficiar-se das operações e dos serviços da cooperativa de acordo com o estatuto;	- Zelar pelos interesses morais e materiais da cooperativa;
- Examinar e pedir informações por escrito sobre as assembleias;	- Responder limitadamente pelos compromissos da cooperativa, até o valor das cotas-partes;
- Desligar-se da cooperativa a qualquer tempo;	- Não desviar a aplicação de recursos específicos obtidos na cooperativa;
- Tratamento igualitário entre todos os associados;	- Responder pelas obrigações sociais;
- Participação nas sobras líquidas do exercício financeiro proporcional às operações realizadas pelo associado;	- Manter as informações do cadastro na cooperativa constantemente atualizadas.
- Não ser discriminado por raça, religião ou posição social.	- Não ceder o capital integralizado a terceiros, estranhos à cooperativa.

O nome complexo...

... o coração simples.
A história de Abdul
Aziz Nazrali Walji Hirjj,
o Tchá Tchá

Primeiro Plano

Tiras para chinelos? Escovas de dentes? Agulhas? Fios de lã? Ternos? Grampos para cabelo? Roupas íntimas? Na loja do senhor Abdul Aziz Nazrali Walji Hirjj, em São João del-Rei, é bem provável que você vá encontrar. “Tem de tudo aqui. Só não tem sossego. Mas é bem provável que, procurando bem, você ache um pouco por aí empoeirado”, filosofa o simpático tanzaniano de 76 anos, mais conhecido como Tchá Tchá.

O apelido surgiu há quase quatro décadas, antes de montar ponto fixo no calçadão são-joanense.

Naquela época, recém-desembarcado no Brasil e fugindo de crises políticas e econômicas na Tanzânia, Abdul decidiu se arriscar no comércio ambulante para tentar superar traumas e sobreviver. “Vim para São João encontrar um irmão que já residia aqui. Havíamos perdido tudo na Tanzânia e, para evitar qualquer sofrimento, nossos pais despacharam quase todos os filhos mundo afora. Pode parecer estranho isso. Mas a verdade é que fomos criados pra sermos fortes e quando tudo desmoronou, estávamos preparados. Poucos pais sabem ensinar isso aos filhos”, reflete.

E foi com essa força que venceu o primeiro grande baque no Brasil. “Vim com um pouco de dinheiro que havia juntado e ajudas da minha mãe. Meu irmão e eu decidimos somar o que tínhamos e abrir uma papelaria. Estava tudo certo para nós. Mas um despachante desapareceu com todo o nosso dinheiro. Só nos sobrou carregar balaios e bater perna o dia todo pra tentar reaver tudo”, conta.

PORTA EM PORTA

Com dois cestos pendurados nos braços e itens de primeira necessidade vendidos de lar em lar, Abdul percorreu quase todos os municípios do Campo das Vertentes tentando usar a lábia de comerciante e o sorriso fácil que nunca esconde.

E o fazia com coragem, já que não falava uma palavra sequer em português. “Eu batia nas portas e ia gesticulando. Muita gente me achava exótico e acabava comprando alguma coisa. Era melhor adquirir algo comigo do que ir à venda comprar. Aos poucos foram me ensinando a falar como os brasileiros. Mas foi difícil... Eu tentava perguntar às crianças: ‘Seu tio está?’ e saía, na verdade, um monte de ‘tchá, tchá, tchá, tchá’”, conta Abdul.

Daí nasceu o apelido e daí brotaram novas economias. Seis anos depois, já com pés cansados de perambular municípios inteiros por quase 12 horas seguidas, Tchá Tchá conseguiu comprar um ponto comercial no Centro Histórico de São João del-Rei e abrir a própria loja abarrotada de prateleiras com “tudo um pouco”.

FAMÍLIA

Sem o irmão falecido em 1997, Tchá Tchá administra o estabelecimento sozinho e tem agora um único sonho: abrir as portas de uma instituição de caridade voltada a crianças. “Olha, em dez anos vou estar ‘lelê da cuca’. Vou fazer o quê com dinheiro? Nada. Então quero ter a certeza de que ele será útil para alguém. Quero morrer sabendo que fiz o bem na Terra”, confessa ele, que conta com a ajuda daquele que considera seu maior amigo no Brasil, Sérgio Raimundo do Nascimento, o Serginho, gerente de Negócios da Credivertentes. “Sou um homem teimoso e meio impulsivo. Então o Serginho, que chamo de ‘primo’, coloca os meus pés no chão. É ele quem diz: ‘Calma, Tchá Tchá... Vamos pensar melhor nisso, Tchá Tchá... Para de dar birra e me escuta, Tchá Tchá’, ri.

HERANÇA MATERNA

A quem pergunta, o tanzaniano diz ter três esposas, três amantes e 18 filhos. “As pessoas ficam com pena quando ouvem que vivo sozinho. Acho chato isso. Então invento. O que elas não entendem é que foi uma opção minha. Sei que não sou fácil de lidar e acabaria magoando alguém. É outra coisa que quero levar pro túmulo: a consciência de que não machuquei os sentimentos de qualquer pessoa”, diz Tchá Tchá com serenidade que só perde quando fala da mãe, que faleceu aos 90 anos.

“Nunca superei a ausência dela. Às vezes dói tanto que dá vontade de jogar tudo no chão. Mas penso no quanto ela foi forte a vida toda

e tento seguir o exemplo. Quando ela se foi (Tchá Tchá não gosta de usar o verbo ‘morrer’) eu vim trabalhar chorando. Fiquei o dia todo partido em pedaços. Mas fiz tudo o que eu tinha que fazer. Eu precisava me forçar a ir em frente ou ia prostrar. E isso ela nunca quis pra qualquer um dos filhos”, lembra.

IMPREVISÍVEL

Livre, como gosta de frisar, o tanzaniano acorda todos os dias com uma única proposta: fugir da rotina. “Não vou me entregar, filha. Tomo meus sucos, faço alongamentos de 30 minutos, caminhada, venho trabalhar mesmo doente e sigo firme e forte. Na vida não há nada que maçã, mamão, couve, água e fé não resolvam”, brinca.

Nas horas vagas, diz que pensa na vida, vai a lugares onde “possa ver gente” e viaja. Durante a Copa do Mundo de 2014, foi atração à parte no Mineirão, onde atuou como voluntário do torneio e perdeu as contas de quantas fotos tirou com turistas do mundo inteiro. Um deles, tanzaniano.

“Logo que me viu ele acenou, veio ao meu encontro e me abraçou sem perguntar qualquer coisa. Tanzanianos se reconhecem em qualquer lugar. Não há explicação. Depois da foto acabei descobrindo que ele era de uma comunidade próxima à minha”, relembra.

Cada detalhe fica registrado em uma infinidade de pedaços de papel em que anota “as memórias de Tchá Tchá”. “Nem tudo é verdade. Mas se me perguntar, não sei dizer”, ri com marotice peculiar de quem pendura uma calçola na fachada da loja e tenta vender com bom humor. “É da minha sogra. Sexy e sensual”, defende antes de estender uma bala de tamarindo e oferecer um copo de suco de laranja “para vencer o calor”.

Na despedida, abaixa a cabeça em sinal de respeito e faz votos de que tudo fique bem. “Cuidado com os buracos na calçada, irmã”. E some loja adentro.





Tchá Tchá: "Em dez anos vou estar 'lelé da cuca'. Vou fazer o quê com dinheiro? Nada. Então quero ter a certeza de que ele será útil para alguém. Quero morrer sabendo que fiz o bem na Terra"

Irmãos Ladeira e o gerente da Credi local, Fernando Galdino: de trabalho artesanal a 40 toneladas de couro curtido por ano

Herança em couro, oportunidades de ouro

Em Dores de Campos, filhos seguem tradições iniciadas pelos pais, modernizam negócios e solidificam economia

Adriano Ladeira e Alexandro Silva herdaram mais do que o DNA dos pais: herdaram profissões. E as tornaram, cada uma à sua maneira, potências do setor de transformação do couro. Em Dores de Campos, município com 160 fábricas de acessórios para montarias – metade delas dedicadas às selas – e seis grandes curtumes, a Marlex e a Adriano Ladeira & Irmão impulsionam mercado que já faz circular pelo Brasil, sozinho, 50 mil peças todos os anos.

Resultado que, segundo o Serviço Brasileiro de Apoio à Micro, Pequena e Média Empresa paulista (Sebrae-SP), torna o município do Campo das Vertentes o maior polo produtor e distribuidor desses materiais na América Latina, empregando 75% da população no setor.

Desse volume, 2,4 mil itens saem da produção artesanal comandada por Silva e grande porcentagem delas tem como matéria-prima uma faixa das mais de 40 toneladas de couro curtido no galpão dos Ladeira. Os números, porém, não os deslumbram.

No escritório cheio de papéis e de celulares que não param de tocar ou atrás da mesa resguardada por um retrato do pai, Ladeira e Silva garantem que a única matemática que os interessa é a que soma mais um dia de trabalho e multiplica a vontade de continuar.

O NEGOCIADOR TRANQUILO

De Tião Carreiro & Pardinho a Victor & Léo, foram décadas de inspiração do homem do campo para o cancionista sertanejo. E nos cenários que rodearam histórias como a de Cabocla Teresa ou do Caipira que disputava o amor de uma mocinha com o Granfino, não faltaram menções às peças que compõem uma boa sela.

São 11, Silva as recita de cór e tem todas em seu catálogo de vendas. “Dos cintos às perneiras. Tudo”, frisa o homem calmo e de poucas palavras que por 13 anos dependeu delas para se sustentar – e daí começar o negócio que mudou a própria vida.

Logo após chegar à maioridade e com experiência como vendedor em uma loja de couros no Rio de Janeiro, Silva decidiu que ia dirigir o próprio destino. Literalmente. “Eu era balconista e aprendi muito sobre o mercado com o meu tio, que era meu patrão. Mas eu queria algo pra mim. Então resolvi tirar a carteira, comprar um carrinho e voltar pra Dores em busca de mercadorias. Comprava as selas das empresas aqui e caía na estrada pra vender”, relembra.

Na época, dirigindo um pequeno Chevette pelo Sul do Estado e Zona da Mata, Silva carregava cinco selas espremidas entre ele, malas e o sonho de construir a própria selaria. Por mais de uma década, estacionou de cidade em cidade tentando vencer a timidez e os desafios da vida andante, além de contratemplos, para juntar o capital que precisava.

EM CASA

Aos 31 anos, começou a equipar um veículo maior – uma Kombi – com as selas que ele mesmo produzia. E de lá pra cá a Marlex Couros não parou de crescer. Hoje a fábrica comandada por Silva emprega 18 pessoas, produz 200 selas mensalmente e responde por 70% dos lucros nos negócios da família – os outros 30% são baseados em revendas. O próximo passo para incrementar as atividades é a abertura de uma loja virtual. E

é apenas nisso que Silva quer pensar agora: no futuro.

“Não é que eu não valorize meu passado. Tenho muito orgulho dele. Mas sempre fui assim, de olhar pra frente, sabe? E o tempo não perdoa quem fica parado”, filosofa pausadamente o empresário de 43 anos que teve contato com o couro pela primeira vez ao lado do pai, um sapateiro apaixonado pelo ofício que se deixou fotografar trabalhando e hoje enfeitou o escritório do filho. “Sem saber ele tinha um dom muito grande para administrar. Pensava bastante antes de tomar qualquer decisão, analisava pontos positivos e negativos. Ao mesmo tempo, ele não tinha medo de se arriscar, era curioso, queria aprender tudo. Herdei isso dele”, conta Silva, que recentemente voltou às salas de aula para um curso de gerenciamento. De onde tira tempo para isso, não sabe. Mas se guia pela vontade de conhecer. “Qualquer informação é preciosa pra mim. Na verdade, quando um homem para de descobrir coisas é porque morreu”, acredita.

ENTRE IRMÃOS

Adriano Ladeira é um homem que vive correndo. Inclusive literalmente: quando não percorre a passos largos os mais de 1,5 mil metros quadrados do complexo que compõem o curtume herdado do pai, corre mais de 8km, Dores

MARIANE FONSECA



Com couro e selas, município das Vertentes já se firma como polo do setor na América Latina

de Campos afora, para manter a forma e fazer o que mais ama: testar limites.

Atleta profissional há cinco anos e empresário há 30, Adriano sabe que as duas atividades exigem dedicação, força e coragem. Algo que também herdou do pai.

Ainda nos anos 50, o patriarca dos Ladeira passou a ganhar a vida curtindo couro. Mas para isso precisou passar a maior parte dela trabalhando. “Ele começava às 6h e só parava às 18h. Ele fazia tudo à mão com a ajuda de dois funcionários, se machucava e cheirava a couro para estudar os quatro filhos”, relembra Adriano.

Na época, segundo ele, cada peça de couro era curtida em casca de pão e passava até três meses em tanques com substâncias químicas para se transformar.

Hoje, tudo isso acontece em apenas dois dias. “Além disso, como o material vem *in natura*, chega aqui com pedaços de carne que precisam ser retirados. Meu pai fazia isso tirando cada lasquinha e quase sem segurança. Nem botina tinha para proteger os pés. Trabalhava de tamanco”, conta o químico industrial que só topou ir para a faculdade se pudesse voltar para o curtume depois de formado.

“Desde os dez anos me agarrava ao meu pai para vê-lo trabalhar e sabia que não faria outra coisa da vida. Mas ele fazia questão de que os filhos tivessem um diploma. Então decidi que estudaria o que pudesse utilizar no trabalho com couro. Hoje sou o químico responsável pela Adriano Ladeira & Irmão”.

O “irmão” do nome é o engenheiro elétrico Adair Cássio Ladeira. Tímido, ele preferiu não conversar com a reportagem e deixar a tarefa de ser entrevistado para Adriano. “Falo pouco, sou meio turrão. Ele tem mais talento”, ri.

No entanto, não economiza palavras para descrever o amor que tem pelo que faz. “Passaria 24 horas aqui se fosse preciso. O mercado oscila, a gente enfrenta dificuldades todos os dias, mas não me vejo fazendo nada dife-

rente”, garante.

NEGÓCIOS EM FAMÍLIA

Em média, 4 toneladas de couro curtido deixam a Adriano Ladeira e Irmão todos os meses. Resultado de processo aprimorado desde 1985 transformando matéria-prima originada de búfalos do Amapá e de bovinos do Sul de Minas e do Rio de Janeiro.

Tudo acontece em dinâmica que emprega quase 20 pessoas e que demandou investimentos pesados até 2007. “Foram muitos zeros. A gente não sabia de onde tirar tanto dinheiro. Tudo para adequar a exigências ambientais e continuar operando. Se pensei em desistir? Claro, não nego. Mas a força veio e estamos aqui”, comemora Adriano.

Hoje, a produção da empresa é exportada para quase todo o Sudeste do país, além de estados como Goiás. No entanto, 50% do

couro curtido continua em Dorés, sendo utilizado nas selarias locais.

“O que fazemos vira selas, arreios, cintos, coleiras... até chinelinhos. Não há orgulho maior do que ver um pedaço que do fazemos sustentando uma economia como a dessa cidade, compondo equipamentos de gente que cavalga o país inteiro. É o que nos mantém de pé e assim vai ser até o fim da vida”, frisa Adriano.

A história também agradece. Mais do que solidificar um mercado, Adriano, Adair e Alexandre mantêm uma tradição: o trabalho que fazem teve origem ainda em 1830. Carente de metais e pedras preciosas, Dorés de Campos se sustentou oferecendo as ferramentas básicas para que tropeiros cruzassem o Estado e desbravassem Minas Gerais. E foi assim que tantas mãos começaram a transformar o couro. E enriquecer o Campo das Vertentes.

DEIVIDSON COSTA



Silva: de revendedor a grande produtor de selas em Dorés de Campos



Da madeira à arte: feras à solta na Vila Carassa

DEVIDSON COSTA

Foi numa cidadezinha próxima a São João del-Rei que um cavalinho se transformou em um leão. Milagre? Aventura? Desafio à Teoria da Evolução? Não, talento. Na já famosa Vila Carassa, em Prados, José Augusto da Silva – Guto – é herdeiro de linhagem de artesãos que desenvolveu, ainda criança, a paixão pelo ofício que já se manifestava no DNA: ele é filho de um carpinteiro e de uma artesã; e sobrinho de ninguém menos que José Firmiano de Andrade, o famoso Juca, fundador do complexo que hoje reúne 50 artesãos.

Para ambos, o amor pela arte de transformar madeira em figuras gigantescas e imponentes está entre o dom e a dedicação incansável ao trabalho de esculpir. Principalmente leões que chegam a até 2 metros de altura e impressionam com formas detalhadas nas juba esvoaçadas, bocarras escancaradas, patas e garras afiadas, além de músculos bem desenhados e salientes. Mas as semelhanças entre os dois artistas terminam por aí.

Mesmo com ligação sanguínea e árvore genealógica em comum, no dia-a-dia tio e sobrinho se diferenciam. O primeiro conversa pausado, é calmo e tranquilo. O segundo encarna a fala com gestos rápidos, agitação e inquietude que o leva a andar pelo galpão enquanto bate papo e, vez ou outra, se enroscar nos fios das ferramentas que usa para trabalhar. Duas feras, uma tradição, muitos desafios em um setor instável. “Mas eu não vou desistir”.

LEÕES

Durante o *Festival de Cultura e Gastronomia* em Tiradentes, um leão de madeira dividiu as atenções com os pratos preparados por mais de 35 chefs convidados para o evento.

Dezenas de flashes em um único minuto, selfies, postagens imediatas no Facebook e no Instagram. Cena que se repete mesmo nos dias mais pacatos.

“Se cobrassem R\$1 por foto tirada junto dessa peça, fariam fortuna. Eu mesma deveria muito dinheiro (*risos*). Posso dizer que esse leão de madeira é uma atração à parte aqui”, comenta Aline Santos, atendente em um estabelecimento da cidade.

Tiradentes é “importadora” oficial dos leões produzidos em Prados, dividindo a fatia de mercado receptor com cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e do Espírito Santo. Quem os vê como objetos de decoração, envernizados, mal imagina que são resultado de quatro meses de trabalho, com dedicação de até três pessoas por 12 horas diárias. A matéria prima? Toras de madeira com cerca de 7,5 toneladas. Transformadas em animais gigantes, com 2 metros de altura e até 4 de comprimento, elas são revendidas por até R\$30 mil reais.

Cifras que poderiam enriquecer um homem. Mas não é bem assim. “As pessoas me contam sobre esses preços e eu começo a rir. Nada disso vem pro meu bolso. Olha pra mim: tô aqui cheio de resíduos até no cabelo, exausto depois de uma semana toda trabalhando e não vou voltar pra casa com caviar e vinho me esperando pro jantar”, gargalha Guto.

Segundo ele, os altos preços cobrados pelos leões de madeira fora de Prados só significam uma coisa: reconhecimento. “E isso dinheiro algum paga. Se acham que nosso trabalho vale tanto assim lá fora, significa que ele é bom. Eu mesmo não acho que seja (*risos*), mas é por isso que tenho batalhado há 25 anos”, conta.

INTUIÇÃO

Foi exatamente aos 11 anos que Guto talhou sozinho, em um pedaço de madeira, um cavalinho de 30cm. “Na verdade foi um aspirante a cavalo, né? Ficou uma porcaria. Mas eu fiquei feliz. Aconteceu ‘do nada’. Deu vontade, sentei e fiz um, sozinho. De lá pra cá a coisa foi crescendo até chegar aos leões”, lembra.

Leões que aprendeu a fazer com os tios Jorge, Sebastião, Gilberto, Benedito e Juca, vértices do *5 Irmãos*. O ateliê é um dos mais tradicionais em Prados e deu origem à Vila Carassa no início dos anos 80. “Eu queria um lugar amplo e sossegado para trabalhar. Então montei o galpão em um ponto afastado da cidade. Aos poucos mais gente foi chegando e o espaço se transformou”, explica Juca. Hoje a Carassa já conta com mais de 10 galpões, além de lojas construídas pelos próprios artesãos que transformaram o local em um mercado alternativo fora do eixo comercial.

Se há cerca de 30 anos Juca só ouvia o barulho do vento forte no alto do morro e das próprias ferramentas, hoje já se acostumou ao som de dezenas de motosserras trabalhando simultaneamente e operadas por mais de 50 homens.

Ruído familiar que não o incomoda. “É nosso trabalho. É a sinfonia daqui. Se algum visitante chegar e encontrar silêncio, é porque a Carassa deixou de existir”, frisa o pai de seis filhos que há quatro décadas faz das esculturas uma fonte de renda, uma razão para progredir e também para viver.

“Eu tinha 17 anos e morava na roça quando um sentimento muito forte me bateu e me empurrou pro meio do mato. Busquei um pedaço de madeira e fiz um leão de uns 70cm. Não gostei e podia ter parado por ali. Mas um maluco gostou do trabalho e o comprou. Não demorou e eu fiz outro. Do terceiro pra frente mais detalhes foram aparecendo. E até hoje é assim. Não me imagino fazendo outra coisa. Foi Deus quem

me chamou e mandou esculpir”, acredita.

DIFICULDADES

Guto diz que construiu a casa onde mora com a esposa e dois filhos com a renda do artesanato. Mas não sabe explicar como. “Artesão não pode fazer planos. Não posso te dizer que daqui a três anos vou mudar a fachada da loja ou dar entrada em um carro. O mercado muda de um dia pro outro. Hoje, por exemplo, não vendi um produto sequer. Tem sido assim há dias. Às vezes dá vontade de chorar”, confessa enquanto pausa a conversa alisando o torso de um leão deitado no ateliê e se lembra de familiares e colegas de profissão que jogaram tudo para o alto. “Tivemos crises horríveis. Muita gente parou com tudo. Eu mesmo muitas vezes encostei a cabeça no travesseiro querendo desistir”, diz.

Ele respira e emenda pouco depois: “Mas daí eu vou fechar as portas e fazer o quê? Vivo com o que amo e não me arrependo. Quando começamos abordávamos os turistas na rua e tínhamos que convencê-los a subir. Hoje muitos vêm aqui porque ouviram falar de nós em outros lugares. Não tenho que descer o morro pra implorar visitas. Pelo menos isso, né? (*risos*)”.

Juca, porém, está na outra margem. Segundo ele, quatro décadas de trabalho árduo o fizeram se afastar da angústia. “Meu único medo é não ter saúde pra abrir as portas. Se abro os olhos, consigo me mexer, pulo da cama e venho trabalhar. Não é fácil. Artesanato não é arroz, feijão ou

verdura que todo mundo precisa e vai buscar. E há ainda um pouco de preconceito. Muita gente quer dar um valor muito menor pelo seu trabalho. Mas aprendi a ter paciência, fazer minha arte e rezar”, conta o veterano, que também descobriu a necessidade de algo que Guto diz não saber como fazer há muito tempo: descansar.

“Já vieram pessoas aqui perguntando se já tinha visto um dos meus leões lá em Paraty. Não, não vi. Infelizmente nunca consegui fazer viagens pra lugares longe. É algo com que preciso lidar. Mas a mente não para: são 24 horas ligado aqui mesmo estando em casa”, conta Guto.

O tio compreende. “Houve uma época em que começava a trabalhar às 5h e só parava às 20h porque o corpo realmente não aguentava. Tinha chegado ao meu limite. Hoje consigo me permitir descansar. A gente tem outras necessidades na vida, precisa de um pouco de paz até pro trabalho ficar melhor”, explica, sereno.

FUTURO

No dia da entrevista à *Vertentes Cultural*, Guto andou de um lado a outro cuidando dos cerca de 50 leões e outras dezenas de bichos em estoque na loja que já reestruturou três vezes. Do lado

DEVIDSON COSTA



de fora, polideiras operadas pelos quatro funcionários que empregaram cessaram o barulho que foi substituído por conversa alta e risadas. Era um churrasco dos colaboradores.

“Vou dar um tempo e me juntar a eles. Mas primeiro vou organizar o que preciso aqui”, garantiu, obstinado.

E emendou: “Olha, meu primeiro leão surgiu depois que um pintor acreditou em mim, me deu um livro com vários deles e pediu que eu representasse o mais envergado de todos (*risos*). Terminei e me perguntei quando faria um perfeito. Hoje eu sei que nunca. Mas mesmo assim seguirei com eles. Quero me aperfeiçoar. Se fizer um leão hoje, um javali amanhã e um elefante depois, não serei bom em qualquer coisa”, explica.

Juca, experiente no ofício, concorda. “A gente aposta em variedade, faz um ou outro animal diferente. Só que também sabemos que a excelência vem com a prática, com a observação. E é isso que nos leva à variedade dentro do igual. Pode parecer confuso, mas se hoje fazemos leões em posições e cenas diferentes, é porque os conhecemos. E sabemos muito de nós mesmos também”, finaliza.



A criatura e o criador: arte gigante, retornos nem tão grandes assim

A SIMBOLOGIA DOS LEÕES

Poucos animais se mostram tão presentes em símbolos históricos ou mitológicos de diferentes culturas e religiões quanto o leão. Mesmo hoje, popularmente, a figura dele é associada a poder e dominação, sendo ele o soberano “Rei das Selvas” por sua supremacia sobre outras espécies menores. Mas a explicação foge à esfera biológica. Na Mitologia Grega, enquanto a águia aparecia como “rainha” do ar, o leão assumia o mesmo posto com relação às espécies terrestres. Foi, também, o primeiro adversário de Hércules na série de trabalhos realizados por ele como penitência pregada por um oráculo. Na narrativa, o leão é descrito como uma fera que não poderia ser domada por um ser humano comum.

Talvez como herança dessas concepções, durante a Idade Média muitos exércitos adotaram a figura em seus escudos. Algo herdado principalmente na Inglaterra, que ostenta os leões como símbolos nacionais. A Seleção Inglesa de futebol, por exemplo, é representada por emblema como três desses animais desde 1872 – costume iniciado pelo rei Ricardo “Coração de Leão”, assim nomeado por alegada bravura em cruzadas pela Terra Santa.

Na Bíblia, Jesus Cristo é nomeado em uma das passagens como o “Leão da Tribo de Judá”. O animal, aliás, é o mais mencionado das escrituras – com 130 citações – e aparece nas histórias de Sansão e Davi.

Gerente de Negócios

A hora do produtor rural

“Você já tomou café da manhã hoje? Então agradeça a um produtor rural. Prevê uma mesa farta no almoço? Também deve bastante a ele”, defende o hoje gerente de Negócios da Credivertentes, Rogério Ladeira.

Há mais de 10 anos ligado à cooperativa e peça fundamental nos programas *Gestão com Qualidade em Campo* (GQC) e *Balde Cheio*, Ladeira é defensor ferrenho das causas rurais e faz questão de demonstrar isso na mais curta das conversas sobre o setor.

Segundo ele, que nasceu em Prados mas se estabeleceu em São Tiago a partir dos anos 80, quando foi transferido de escritório do Instituto Estadual de Florestas (IEF), alguma luz já incidiu sobre as zonas rurais. Mas ainda falta muito para que elas alcancem o patamar de reconhecimento merecido.

“Digo e repito: o homem do campo carrega o país nas costas e merece tanto apoio quanto a indústria, por exemplo. No entanto, ele tem sido historicamente renegado e isso reflete inclusive na forma como se enxerga dentro da economia. Ainda são poucos os produtores que compreendem o fato de serem, efetivamente, gestores de negócios”, argumenta.

Vertentes Cultural – *Uma das grandes vitórias do setor agrícola nas últimas décadas foi a consolidação das pequenas produções como assustadoramente importantes na economia nacional. Hoje, as culturas menores também são valorizadas e amplamente incrementadas, quebrando a crença de que apenas o trabalho “tipo exportação” tem peso no agronegócio. No Campo das Vertentes, por exemplo, caminha-se para garantir que produtos*

da região possam circular por mercados de todo o território mineiro. O que acredita que o futuro reserva para os produtores rurais em crescimento?

Rogério Ladeira – Acredito que teremos pela frente grandes desafios, principalmente devido à estagnação da economia brasileira, que é sustentada pelos produtores rurais do país. É início de novo mandato presidencial com troca de ministros e dentre eles o da Agricultura. Além disso, enfrentamos seca prolongada como há muito não se via, elevação da taxa básica de juros, inflação... A nova ministra – Kátia Abreu – é da área, já lutou muito pela classe, mas lembro-me quando o ex-ministro Roberto Rodrigues foi convidado e aceitou o cargo.

Ele dizia que o fez porque sabia tudo o que precisava ser feito. Tempos depois, porém, pediu demissão por ver que, apesar de saber tudo o que era necessário, não dependia somente dele. Objetivos, metas e programas dependiam de outros ministros, principalmente os da Fazenda, do Planejamento e de Meio Ambiente.

Não adianta conhecer demandas. As coisas estão ligadas a toda uma conjuntura política e econômica.

Vertentes Cultural – *Então esse seria um clássico momento de “esperar para ver”, como se diz?*

Rogério Ladeira – Sim. O Governo promete dialogar com diversas áreas, entre elas a do Agronegócio, que aguarda novas políticas para os próximos quatro anos. Espero que não só olhem para o setor, mas que enxerguem e promovam políticas coerentes para classe que tem “carregado o país nas costas”. Basta analisar o PIB dos últimos anos para se comprovar.

“O Agronegócio aguarda novas políticas para os próximos quatro anos. Espero que não só olhem para o setor, mas que enxerguem e promovam políticas coerentes para classe que tem ‘carregado o país nas costas’”





Militante em prol do homem do campo, Ladeira defende apoio político, suporte tecnológico e reconhecimento popular ao agronegócio

De modo geral, independentemente da atividade agropecuária, os resultados de 2015 dependerão das ações públicas para fomentar a economia e da conjuntura externa. Da parte do produtor, as palavras-chave serão gestão, produtividade, inovação, qualidade e sustentabilidade.

Vertentes Cultural – *Agora vamos falar sobre questões locais. Um dos motes do GQC e do Balde Cheio é a implementação da cultura administrativa, de gerência efetiva, na rotina dos produtores rurais. Atualmente, os próprios ruralistas já esperam pela realização dessas ações,*

mas acredito que a princípio não foi exatamente assim. Quais as barreiras enfrentadas pela Faemg e pelo Sicoob nas primeiras edições?

Rogério Ladeira – O GQC nasceu de uma pesquisa feita em campo, quando os produtores entrevistados sinalizaram para o Senar-MG que os principais gargalos encontrados em suas propriedades eram a gestão e a qualidade, fatores que farão também a diferença em 2015. Baseado nisso o programa foi criado, dando ênfase a esses dois pilares e trabalhando a qualidade não apenas do produto final, mas em todo processo

produtivo.

Com o *Balde Cheio* não foi diferente. A gestão é sempre um gargalo. E uma das maiores barreiras é sem dúvida a falta de tempo e a inexistência de anotações, pois não se administra sem números.

Isso sem contar o fato de que o novo sempre dá um frio na barriga e iniciativas como o GQC, que têm duração de três meses, a princípio assustam um pouco os produtores. Quando os convidamos a participar e falamos do prazo, muitos mencionam a falta de tempo.

Mas no desenrolar do mesmo

eles percebem que a dinâmica ajuda (blocos teóricos alternados com blocos de consultoria) e o tempo deixa de ser o vilão. No final, sentem falta dos encontros.

Vertentes Cultural – *Em entrevista para o jornal da Credivertentes, um dos produtores beneficiados pelo GQC alegou ter operado verdadeiros milagres na propriedade rural que possui ao enxergá-la como um todo e gerenciar todos os processos ligados a ela, incluindo a compra de ração para o gado. Obviamente, esse é resultado de um processo de conscientização e ensino técnico em médio prazo e depende, antes, de um trabalho didático e de acompanhamento profissional junto a esses produtores. Como isso acontece efetivamente?*

Rogério Ladeira – Os produtores que participam do GQC elaboraram um Plano de Gestão e Qualidade (PGQ) para suas empresas com objetivos, metas e ações para um período de até cinco anos. No final do programa é feita uma escala de reuniões entre os participantes em que eles apresentam os resultados das ações já realizadas, o que entendemos ser um fator de motivação e principalmente de continuidade do planejamento traçado.

Outro fator que temos colocado em prática periodicamente é a realização de um seminário com os egressos dos programas com a parceria do Sicoob Credivertentes, objetivando a troca de experiências e a mensuração dos resultados alcançados, bem como a avaliação dos gargalos encontrados na execução do planejamento. Isso sem contar as visitas individuais que fazemos aos produtores, visando “oxigenar” o aprendizado e auxiliar na execução das ações propostas por eles.

Vertentes Cultural – *Em linhas gerais, o que ainda falta para que o pequeno produtor assuma as pro-*

priedades rurais locais como “negócios”, empreendimentos?

Rogério Ladeira – O objetivo do GQC, por exemplo, é ampliar a visão empresarial do produtor rural. Ele é estimulado a promover uma mudança de atitude – de agricultor para empresário rural – e a adquirir um novo olhar sobre a propriedade. Tudo isso respeitando a cultura, a linguagem e as características do meio rural. A empresa rural está inserida em um ambiente geral que influencia suas atividades e seus resultados. Dessa forma, deve-se ter visão ampla de todo esse contexto. Resumindo: é mudança de comportamento. É cultural.

Vertentes Cultural – *Em sua história na Credivertentes, você presenciou transformações importantes na relação entre produtores e acesso a crédito. Como descreveria os últimos 10 anos nesse sentido?*

Rogério Ladeira – O Sicoob Credivertentes nasceu exatamente da dificuldade dos produtores em ter acesso ao crédito e se expandiu dentro de sua área de atuação, abrindo pontos de atendimento em localidades que nunca receberam agências bancárias ou que, por um motivo ou outro, ficaram sem as que tinham. Com isso, garantiu crédito a essas populações, atuando – como sempre gosta de frisar nosso presidente do Conselho de Administração, Sr. João Pinto de Oliveira – como uma “Agência de Desenvolvimento Local”.

Hoje, percorrendo os municípios onde o Sicoob está e nas conversas com muitos dos nossos cooperados, eles próprios nos confirmam isso. Já ouvi de um deles: “A nossa cidade era uma antes da chegada da Credivertentes e passou a ser outra após a abertura

da agência, mudando para muito melhor”. Em resumo: o Sicoob, na última década, fez diferença na vida das comunidades onde está inserido e, tenho certeza, continuará fazendo.

Vertentes Cultural – *Pessoalmente você sempre se envolveu na causa do produtor rural. O que ainda sonha para o setor? O que falta para que isso aconteça?*

Rogério Ladeira – A Mocidade Independente de Padre Miguel levou para Marquês de Sapucaí, em 1992, o samba enredo “Sonhar não custa nada! Ou quase nada”. Então, vamos sonhar. Meu desejo é simples: que os governos Federal, Estadual e Municipal valorizem mais o empresário rural.

Que eles sejam vistos com o mesmo olhar dirigido aos demais setores e que sejam merecedores dos mesmos benefícios e auxílios. Os tradicionais entraves à produção não evoluíram para soluções em 2014 – ou se o fizeram, foi muito pouco. Vias de escoamento, frete, armazenamento, infraestrutura básica e escassez de mão-de-obra, entre outras dificuldades, prejudicam o setor. Gostaria de ver todas as mudanças saindo do papel. E o que falta para isso acontecer? Vontade política.

ELISA COELHO





Estátua de Nhá Chica em frente ao santuário que ergueu durante 30 anos em devoção a Nossa Senhora da Conceição. Hoje espaço também é considerado o templo da quase santa mineira e atrai milhares de visitantes que o Campo das Vertentes tenta conquistar

Nhá Chica: a 'santa de casa' e seus milagres

São-joanense, filha de escrava e mulher de fé inabalável, Francisca de Paula de Jesus precisou ganhar o Vaticano antes de ser verdadeiramente reconhecida no Campo das Vertentes

Em 10 de janeiro de 2011, Francisca Paula de Jesus ganhou certidão no Registro de Pessoas Civis Naturais do Distrito de Rio das Mortes, Comarca de São João del-Rei. Seria apenas mais um documento arquivado junto a outros milhões indexados no atual fórum se não fosse Francisca uma quase santa, reconhecida como venerável pelo então Papa Bento XVI exatos quatro dias depois.

Dois anos mais tarde, tornaria-se beata, a um passo de santidade declarada pelo Vaticano. Sim, uma são-joanense operou milagres. Religiosos e sociais.

Não bastasse curar (reconhecidamente) uma professora de problema cardíaco congênito em Caxambu e de ter pelo menos 3 mil testemunhos de fé associados a ela na internet, a mulher popularmente conhecida como Nhá Chica, morta em 1895, foi a primeira brasileira negra beatificada na história. Feito recente, alcançado em maio de 2013 frente mais de 40 mil romeiros.

ESQUECIMENTO

Nada disso aconteceu, porém, na Terra Natal. A filha de escrava, com pai desconhecido, mudou-se ainda criança para Baependi, onde cresceu e viveu trajetória religiosa que a levaria à veneração de milhões. É lá que, mais de um século depois, ainda estão os restos mortais da são-joanense. E é por lá que passam mais de 300 mil visitantes todos os anos, movimentando faceta do turismo religioso que São João del-Rei deixou escapar por muito tempo.

E não é difícil imaginar as perdas. Para se ter uma ideia, a cidade histórica é uma das únicas no mundo a manter tradições originais da Semana Santa e faz disso um chamariz que chega a atrair 30 mil pessoas nessa época do ano, injetando R\$4 milhões na economia local. “Imagina o que poderia ser feito, então, reconhecendo o Rio das Mortes como berço de uma futuramente santa”, ponderou Arthur Vieira, do Instituto Histórico e Geográfico (IHG) de São João del-

-Rei, ao fazer levantamento para a *Vertentes Cultural* de junho sobre figuras femininas emblemáticas do município.

E foi além: “O que mais dói, porém, é a questão social. A negligência. Nhá Chica foi quase esquecida onde nasceu. Provavelmente até pelo fato de ser mulata, filha de escrava. Digamos que os resquícios do preconceito se arrastaram por vários séculos até que as pessoas se levantassem e fossem atrás do reconhecimento da cidade como local de sua origem. Felizmente, ou por milagre, coincidências começaram a ajudar e a própria população começou a defender a bandeira do orgulho por dividir as mesmas origens dessa mulher-modelo”, completou Vieira.

TURISMO RELIGIOSO

“São João del-Rei pecou em ignorar as origens de Nhá Chica. Agora cabe a nós reforçar as raízes dela e fazer com que o município também seja reconhecido como histórica e religiosamente interessante para quem quer percorrer locais ligados à história dela ou intensificar experiências de fé”, explica o secretário de Cultura da cidade, Pedro Leão.

Uma possibilidade, grande, já é ventilada: o município que abriga o distrito do Rio das Mortes integrará o Caminho Religioso da Estrada Real, trajeto inspirado em Santiago de Compostela. No Brasil, terá cerca de 600km ligando Caeté (MG) – onde está o Santuário de Nossa Senhora da Piedade – a Aparecida (SP), sede do Santuário de Nossa Senhora Aparecida.

Tudo isso abrangendo 86 municípios – dentre eles São João e Baependi – na tentativa de atrair os 15 milhões de brasileiros interessados em mapas religiosos fazendo girar R\$61 bilhões todos os anos.

Tótems indicativos do roteiro já foram instalados nas cidades participantes. Além disso, ações ligadas a identidade, reconhecimento e incentivo econômico começaram a ser desenvolvidos no Rio das Mortes.

ARQUEOLOGIA DA FÉ

Em novembro de 2014 o local ganhou estátua de Nhá Chica para ser instalada no trevo do distrito que também abriga a casa onde a beata nasceu e as ruínas do local em que foi batizada, ainda no início do século XIX.

Agora, Igreja e comunidade levantam fundos para construir, lá mesmo, um outro ponto de peregrinação. E sinais para que isso começasse a ser feito não faltaram.

Em 2012, pouco antes da beatificação de Nhá Chica, voluntários localizaram o piso original da capela primitiva em que ela teria sido batizada em 1810. A equipe foi coordenada pelo escultor Osni Paiva – responsável por esculpir a imagem da quase santa em cedro e com policromia de Carlos Magno – e estava no local para instalar uma réplica da pia batismal em que a religiosa havia recebido o sacramento.

Mas foi surpreendido. “Quando começamos a escavar para fazer a instalação, encontramos pedras sob a terra. Elas formavam o alicerce do batistério e tinham inclusive a marca de onde a pia original ficava”, conta Paiva.

A peça, aliás, ainda existe, mas foi levada para a Igreja de Santo Antônio, a poucos quilômetros dali, que já se tornou ponto de peregrinação para pequenos grupos.

Nada que se compare, ainda, à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, erguida pela própria Nhá Chica ao longo de quase 30 anos; e à casa onde ela viveu. Ambas estão em Baependi.

A CERTIDÃO DE BATISMO

Na Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, em São João del-Rei, era comum que fiéis procurassem o padre Sebastião Raimundo de Paiva pedindo socorro. Nem sempre a ajuda era espiritual. Muitos queriam, além das bênçãos, pão.

Um deles, certa vez, mostrou ao religioso um livro com registros antigos e disse que queria, em troca, algumas poucas moedas. O sacerdote não estranhou nem des-



confiou da humildade do desconhecido e aceitou a proposta. Mais tarde o padre encontrou, entre as páginas da coletânea de folhas amarelas, o registro de batismo de Francisca de Paula de Jesus. A data: 26 de abril de 1810.

Foi o primeiro achado para que em 2006 fosse protocolada petição de Registro Tardio da são-joanense. O documento foi assinado pelo advogado Wainer Ávila e mobilizou uma sociedade inteira, além de instituições como a própria Igreja Católica e o Instituto Histórico e Geográfico (IHG).

Pouco depois, na primeira “descoberta” de Osni Paiva, foi localizada a certidão de Isabel Maria, mãe de Nhá Chica, batizada em 13 de outubro de 1782.

MILAGRES

A beatificação de Nhá Chica aconteceu exatos 61 anos após campanha por esse status ter começado. De 1952, foram necessárias quase quatro décadas até que, em 1991, a mineira fosse reconhecida pela Igreja Católica como “serva de Deus”.

Ainda era pouco para os devo-

tos da descendente de escravos que aconselhava de indigentes a políticos influentes em Baependi. No entanto, apesar das dezenas de relatos com graças associadas a ela, o processo não caminhava na Santa Sé.

Conta-se, por exemplo, que por volta de 1870 uma série de tremores de terra assolou Caxambu, onde Nhá Chica prestava serviço voluntário junto aos pobres. Os terremotos só teriam cessado depois que a mulata colocou uma imagem de Nossa Senhora da Conceição em uma pedra e intercedeu pela população. Segundo o escritor Jorge Online, outra crença é de que a Princesa Isabel, regente do Império no Brasil, só teria conseguido engravidar após pedir orações a Nhá Chica.

Nada disso, porém, foi comprovado cientificamente. O milagre que o Vaticano esperava só chegou em 1995, quando a professora Ana Lúcia Meirelles, então com 50 anos, ficou cega. Devota de Nhá Chica, ela teria orado em nome dela e recuperado a visão perdida, segundo os médicos, devido a uma isquemia. Pouco depois, exames revelaram que a doença havia desaparecido misteriosamente.

res e fiéis de Nhá Chica está o estudante Lucas Silveira, de São João del-Rei. Aspirante ao jornalismo e voluntário nas pastorais da Juventude e de Comunicação no Matosinhos, o rapaz descobriu ainda na infância a história da são-joanense capaz de operar milagres e cair nas graças da Santa Sé. Mas foi apenas na adolescência que ele sentiu, na pele, a força de Nhá Chica.

“Decidimos encenar a vida dela para a comunidade. Foi aí que fiz as malas e segui para Baependi. Queria vasculhar e trazer na bagagem um pouco mais dessa trajetória. Voltei para casa com uma peça na cabeça e muito material para mostrar a todo mundo. Virou um especial no programa de TV da paróquia”, conta.

Na verdade, poderia ter sido mais. Talvez um filme com participação do próprio Lucas. Na época da viagem, a mãe dele enfrentava o câncer de mama que, pouco depois, desapareceu. “Eu tive o prazer de entrevistar a professora Lúcia, que alcançou a cura por intercessão de Nhá Chica. Foi tocante ouvir da boca dela toda a história. Lembro que saí da casa dela já rezando pela ‘Serva de Deus’ também. Ela me ouviu, Dona Gracinha está bem”, revela.

DEVOÇÃO LOCAL

Dentre os fervorosos defenso-

DEVIDSON COSTA



Documento que garantiu o registro civil tardio de Nhá Chica e réplica da pia em que foi batizada sobre piso original da capela da época: coincidências e achados ajudaram a reconstruir sua origem



A MULATA MILAGREIRA

“Nasceu em 1808, na fazenda Porteira dos Villelas, povoado de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, uma menina que mais tarde, aos 26 de abril de 1810, foi batizada com o nome de Francisca Paula de Jesus.

Com cerca de oito anos a menina Francisca mudou-se para a cidade de Baependi, acompanhando a sua mãe Isabel Maria e o irmão Theotônio. Desconhece-se o motivo daquela mudança. Sebastião de Oliveira Cintra escreveu em seu livro “Galeria das Personalidades Notáveis de S. João del-Rei que Isabel “escolheu aquela localidade porque na mesma residiam parentes dela”. Já o livro “Nhá Chica - A Pérola de Baependi” traz a informação de que “não há prova documental de que existissem parentes de Nhá Chica residindo em Baependi” e que “talvez Izabel, uma ex-escrava, tenha se mudado à procura de uma vida melhor em outra localidade”.

Logo depois da mudança para o sul de Minas a mãe de Francisca faleceu e ela, com apenas dez anos, cresceu em companhia do irmão, levando uma vida solitária. Dedicou-se à fé. Passou por uma infância e juventude difíceis. Não teve nenhuma instrução.

Segundo depoimento do médico e hidrologista Henrique Monat: “Moça ainda, Nhá Chica já era mãe dos pobres; pouco a pouco foi se estendendo a sua fama, porque os seus conselhos eram sempre muito ajuizados. Para todos ela tinha palavras de consolação e de conforto, a promessa de uma oração, a predição do resultado de uma empresa ou um socorro material”.

(...) Quando alguém se admirava de suas predições, dos fatos inusitados e dos milagres ocorridos por sua influência, ela explicava: “Isso acontece porque rezo com fé”.

Nhá Chica, além de outras obras em Baependi, construiu uma Capela “a pedido de Nossa Senhora da Conceição”. O local da construção foi o alto de um morro, onde possuía um terreno. A dita Capela (34,35m de comprimento x 8,20m de largura) foi terminada três anos após a sua morte, em 1898, segundo alguns historiadores.

(...) Os últimos dias de Nhá Chica transcorreram em clima de oração e de ajuda aos que a ela pediam socorro. Nhá Chica faleceu em 14 de junho de 1895 “em consequência de anemia geral por causa de afecções gástricas”. O corpo dela permaneceu insepulto por quatro dias, sem o menor sinal de decomposição; foi enterrado na igreja que construiu, atendendo ao desejo expresso em seu testamento”.

**Trecho do artigo *Nhá Chica*,
a santa do Rio das Mortes,
de José Antônio de Ávila
Sacramento, publicado no
portal Pátria Mineira.**

DEVIDSON COSTA



Uma capela foi construída no lugar em que supostamente a beata teria nascido e vivido parte da infância



Nome de SANTO, alma de HERÓI

DEVIDSON COSTA

Mas foi na pele e inquietude de um homem comum que Tiago transformou uma comunidade inteira

Um bem-feitor? Um profeta? Um apóstolo? “Não. Sou apenas um homem de fé”, define o rapaz de semblante sereno e sorriso fácil atrás de barba espessa que nos recebeu na entrada do Oratório Coração de Jesus, casa de caridade em São Tiago. O espaço atende, atualmente, mais de cem crianças entre 8h30 às 17h – quando não estão na escola, claro. Dessas, pelo menos 40 vão até lá todos os dias e recebem o mais sim-

Social



ples que alguém pode oferecer: amor e atenção em forma de alimento, entretenimento, diálogo, lições de vida.

A maior delas vem de Tiago Eduardo de Paula, idealizador da iniciativa. Ex-funcionário público com estabilidade, casa, terreno, carro e namorada, Tiago substituiu tudo pelas únicas posses que ostenta hoje: uma túnica semelhante à de São Francisco, sonhos e calos nos pés como resultado de caminhadas em estradas de toda a região. “Peregrinei, andei sob sol, pedi abrigo na zona rural, conheci pessoas de coração incrível. Mas cometi excessos nessa busca e acabei adoecendo, caí prostrado. Parecia que ia morrer”, conta.

Não foi a primeira vez. Aos 17 anos, logo depois de terminar o segundo grau e no auge da adolescência, teve um dos braços decepados numa máquina rural. “Foram os dois segundos mais assustadores da minha vida e o princípio de meses intermináveis de recuperação. Cheguei a pensar no fim. Mas sempre vinha mais um dia”, lembra.

O que Tiago não sabia é que aquela seria apenas a primeira das provas. E não foram poucas.

A “LOUCURA”

Perder o braço não foi o pior

momento da vida do homem com nome e sobrenome de santo. Segundo ele, a pior fase veio depois, quando sentiu que perdia a sanidade. “Eu não via graça em nada. Comecei a me sentir sufocado. Não tinha razões pra levantar da cama. Viver era pesado demais. E nada que me oferecessem, nada que acontecesse me tirava daquilo. Eu me sentia dentro de uma panela de pressão sem conseguir explodir”.

Foi então que, num rompante, pediu demissão da Prefeitura, onde trabalhava há cinco anos como agente de impostos. “As pessoas me reprovavam, me olhavam diagnosticando loucura ou tentavam me convencer do contrário. Nos últimos dias de trabalho minha sala virou ponto de peregrinação e o que eu mais ouvia era: ‘Tem certeza?’”.

A TRANSFORMAÇÃO

Tinha. E bateu o pé na decisão inclusive frente à família, que acreditava que tudo não passava de “estafa”. Aos poucos, Tiago provou as próprias convicções e convenceu a comunidade. Contra tudo e todos, saiu em busca da espiritualidade que aflorava e de respostas para perguntas que o assombravam.

Se isolou - e se encontrou.

Restava, agora, conseguir apoio para realizar o maior dos sonhos: resgatar vidas. Mas antes precisava conquistar adeptos para as utopias que até então nutria sozinho. “Quando voltei do meu retiro franciscano, já com a aparência que tenho hoje, sentia os olhares nas minhas costas, as interrogações. Então me aproximava, cumprimentava, conversava um pouco. Aí as pessoas paravam de ter medo. Jamais as culpei. Eu mesmo me estranhei muito tempo”, ri.

Aos poucos, porém, Tiago ganhou confiança e simpatia. Os pais cederam um terreno, viajantes doaram materiais de construções, grupos religiosos se organizaram para levantar fundos e, com eles, levantar estruturas. Hoje, apesar da simplicidade, a Coração de Jesus está de pé. E segue caminhando. “Graças a Deus. Não sei o que seria dessas crianças ou mesmo de mim se não tivéssemos essa luz. Pode parecer pouco pra você ou pra quem passa por aqui, mas esse tantinho faz muita diferença e mudou a minha vida também”, confessa uma das colaboradoras do lugar, Nilza Sampaio.

E como faz. Durante a entrevista à *Vertentes Cultural*, Tiago interrompeu a conversa várias vezes com cordiais “Posso parar um pouquinho?” para atender pais que chegavam ao local com os filhos e mudavam de feições ao ultrapassar o portão simples da Coração de Jesus. Alguns iam ao espaço, naquela hora, somente “para deixar um ‘oi’”.

Incrivelmente, houve quem entrasse com semblante preocupado, cansado, mas saísse do Oratório sorrindo após um “Deus te abençoe” e cinco minutos de atenção vindos de Tiago. Uma das crianças que chegou no colo da mãe, de apenas 10 meses, avistou o religioso a mais de 15m metros de distância e, de lá, estendeu os braços em direção a ele enquanto se agitava e gargalhava. Só depois quis se juntar a outros bebês.

DEVIDSON COSTA



Improviso e colagens feitas pelas próprias crianças decoram o local





Área onde funciona o oratório foi doada pelos pais de Tiago. Ali, crianças brincam, interagem entre si e 'conversam com Deus'

de Jesus, não se trata de litros de leite, pães, pacotes de quitutes. São milagres. “Já tive despensa vazia aqui. As crianças chegavam famintas e eu não podia negar o que elas precisavam. Mas no dia seguinte vinha a dificuldade ou histórias pesadas de famílias em que faltava tudo e eu não podia ajudar. Foi com a chegada dessas doações que as coisas mudaram. E não tem nada mais bonito do que ver alguém trazer um pouco do seu trabalho, do seu sustento, pra ajudar. A multiplicação de pães começa da multiplicação da boa-vontade”, comenta Tiago.

Muitos dos meninos e meninas que vão à entidade, inclusive, não contam com refeições frequentes em casa. “Cada pequeno aqui tem seu fardo, o carrega nas costas e nem por isso para de sorrir. É incrível a força desses meninos. Ela só precisa ser canalizada, transformada em esperança, em fé. Criança tem que brincar, ver outras crianças, saber que há um mundo bom fora de casa e ir pra escola. Só assim serão adultos melhores”, prega.

fileiras de tijolos pintados e brinquedos doados pela comunidade. Vivem lotados.

E é de lá que se escutam as risadas e os gritinhos de diversão de meninas e meninos com idade entre 1 e 13 anos que só param de brincar para acompanhar o “tio” Tiago em alguma atividade.

Ali, elas desenham, escrevem, conversam e se alimentam em uma pequena cozinha construída aos poucos e equipada com simplicidade, mantida com doações diárias de padarias da Terra do Café com Biscoitos e itens de cesta básica arrecadados no comércio.

Para o idealizador da Coração

A FÉ

Tiago é dessas pessoas que não rezam. Ele dialoga com Deus. E ensina isso às crianças que passam pelo Oratório. Apesar do nome, aliás, o local não tem paredes, bancos, altares.

Trata-se de uma área aberta com pomares plantados em quase metade do terreno. Na outra parte, um mini-parquinho e uma quadra de areia foram improvisados com pedaços de madeira,

AS CRIANÇAS

Com a mesma coragem com que entrou em um funeral aleatório em Ritópolis e rezou um terço para abençoar a alma que partia anos atrás, o franciscano interrompe a farrá dos baixinhos e os chama para orar. “É rapidinho. Vamos agradecer a Deus por você ter fôlego pra correr tanto”, argumenta enquanto afaga a cabeça de Brayan, 12 anos, um garotinho espoleta que há cinco frequenta o espaço e já sabe o que quer ser quando crescer: “Quero ser como o Tiago”.

O mesmo diz o mais velho, David, prestes a completar 14 anos. “Se me perguntar o que aconteceu depois que passei a vir pra cá, eu não sei dizer ao certo. Mudou tudo. A minha vida é melhor aqui, brincando, e sei que volto pra casa melhor também, pronto pra ajudar minha família. Tô crescendo e quero oferecer isso pra mais gente”, garante.

Para a gerente do Sicoob Credivertentes em São Tiago, Alessandra Ribeiro, está aí o encanto de tudo. “A humildade desses meninos é uma lição para nós, adultos. No ano passado fizemos uma campanha do Natal Solidário aqui. Esperávamos cartinhas com pedidos de brinquedos, videogames. Recebemos, ao invés disso, textinhos pedindo caixas de bombom, bonequinhas de pano, roupas. Foi um choque bonito, um ensinamento. A boa ação, na verdade, foi desses pequenos para nós. Nós ganhamos o presente”, revelou segundos antes de ganhar outro: um abraço e um “vai com Deus, mas volta, tia”. Tiago emendou depois: “Que Ele esteja com você”. E saiu Oratório adentro para acender uma vela e rezar.

MARIANE FONSECA



O canadense Vahe Tokmaivan e sua obra ainda em construção: o artista vai, o trabalho e as lições de 'intercâmbio' ficam

Quando o mundo cabe no interior mineiro

Festival de Escultura em Pedra ousa ao se definir como internacional e leva artistas do mundo inteiro a Coronel Xavier Chaves



Obras esculpidas ao longo de um mês tiveram temática escolhida pela comunidade e irão compor trajeto religioso da Semana Santa local

O homem, a rocha, o encanto, a fé, a arte. Em Coronel Xavier Chaves, não há pedra que resista ao talento de 50 famílias dedicadas ao trabalho de dar forma a elas, todos os dias, movimentando 40% da economia local.

Na entrada da cidade, na praça, nas calçadas, nos jardins, nos caminhões estrada a fora que transportam o trabalho dos artesãos para diferentes partes do país, lá estão esculturas lapidadas por mãos mineiras que aprenderam, geração a geração, a fazer a matéria-prima resistente sucumbir.

E enquanto santos, animais, figuras míticas e outras representações são exportadas para todo o globo, a pequena cidade de 3,3 mil habitantes importa - de dois em dois anos - artistas do mundo inteiro interessados em conhecer o município do Campo das Vertentes, aprender técnicas simples de produção e deixar registrado, em rochas, um pouco de seu trabalho.

Em 2014, seis escultores da Europa e das Américas assinaram criações representando a Via Crucis durante a terceira edição do Festival Internacional de Escultu-

ra em Pedra. Sim, Internacional. Uma ousadia que deu certo e colocou o Campo das Vertentes em nova rota cultural.

MILAGRES SOB MÃOS COMUNS

Todas as peças criadas durante o Festival já têm destino certo: as ruas de Coronel Xavier Chaves em percurso já tradicional da Semana Santa. E foi a própria população quem escolheu o tema para 2014, além de acompanhar de perto, entre agosto e setembro, todo o trabalho do italiano Luca Marovino; do português Paulo Pereira; do equatoriano Mario Caisaguano; dos brasileiros David Fuzatto e Fábio Dias e do canadense Vahe Tokmaivan.

“Por que vim parar aqui? Não sei ao certo. Mas vim motivado pela vontade de aprender algo novo e sei que saí de Coronel Xavier Chaves com muita coisa na bagagem. Inclusive um gostinho ótimo do café que a vizinhança faz questão de trazer pra nós”, brincou Tokmaivan, um simpático escultor que garantiu, também, ter absorvido lições práticas de Português após alguns dias se comunicando por mímicas.

Tudo isso enquanto passava

11 horas diárias esculpindo dois metros de pedra-sabão. “Eu volto para casa, mas minha escultura fica. E nela estão meu espírito, meu suor, minhas ideias”, disse. Esqueceu de mencionar que deixava, também, inspiração.

FUTURO

Dentre os milhares de olhos que o observavam trabalhar na praça principal, estava o de Jonathan Batista, de apenas 13 anos. Na última semana do evento Jonathan modelou, praticamente sozinho, uma imagem de São Francisco de Assis. Fez a peça em argila - e sabia que era apenas o começo. “Vim para cá sem acreditar que conseguiria. Mas a figura foi surgindo e me mostrando que se eu tentar pode ser que um dia eu possa fazer algo grande também. É o que quero pra minha vida”, garantiu.

A frase alegrou o instrutor da oficina de produção artesanal, Felipe Calico, “importado” de Pindamonhangaba. “Nosso objetivo é exatamente esse: plantar sementes. Não trabalhamos para fazer as crianças passarem o tempo. O que todos desejamos é que descubram talentos numa cidade





rica em possibilidades”.

Além de Calico, que atuou como instrutor para 30 adolescentes, outros profissionais foram convidados para ministrarem *workshops* em Coronel Xavier Chaves, incluindo trabalhos com laranja – outro produto-base na economia local.

Também durante o festival, 20 adultos aprenderam a produzir compotas, licor e até brigadeiro com a fruta. “Queremos nos inspirar em Amares, Portugal. Lá a comunidade se integrou em torno dela e desenvolveu redes de negócios e turismo. Da mesma forma, no sul da França, há comunidades que trabalham com esculturas feitas com cascas de frutas. Estamos nos inspirando e achamos totalmente possível fazer algo semelhante aqui. O festival é um coletor de possibilidades para desenvolvermos atividades econômicas na cidade”, explica o coordenador do evento, Ronildo Oliveira.

MAIS DO QUE NUNCA, NO MAPA

Mesmo com registro de mais de 600 artistas e pré-inscrições de 150 artistas por edição do Festival Internacional de Escultura em Pedra, Ronildo Oliveira ainda se assusta com a repercussão do evento.

No início de 2014, ao abrir uma notificação de e-mail, diz ter ficado “pertrificado” – trocadilho, aliás, muito pertinente – ao perceber de onde vinha o contato: Teerã, a mais de 13 mil quilômetros de distância.

Foi a comprovação de que Coronel Xavier Chaves havia conquistado seu maior objetivo: ter visibilidade. “Quando realizamos o festival pela primeira vez e o classificamos como ‘internacional’, muita gente chamou aquilo de loucura. Afinal, nossa cidade nem aparecia nos mapas do Google ainda. Mas nós sempre acreditamos que valia a pena. Vivíamos em um município com grandes potencialidades, capaz de atrair muita gente”, diz.

E não estava errado. Seis anos depois de estrear no Campo das Vertentes, o festival de esculturas atrai 30% da população local e mais de 70% dos turistas que passam pela região ao longo do cronograma em Coronel Xavier Chaves. “Os artesãos aqui, que herdaram o trabalho de avós e pais, são os grandes responsáveis por isso. Muito embora nossa cidade seja pequena, ela é grande em talento, em gente que trabalha e transforma a pedra no que bem imaginar. E são histórias assim que fazem artistas do globo inteiro buscarem o município. Sabem que estão vindo para um recanto em que se identificarão”, completa Oliveira.

Ganha o município, ganham os artesãos (que aprendem e ensinam muito aos visitantes), ganha a população, que presencia arte sendo construída praticamente no quintal de casa. “Vi cada pedra ser trabalhada desde a parte bruta até a ponta e achei incrível. São milagres, de verdade”, frisa a xavierense Biana Vicente.

O pároco local, Padre José Raimundo da Costa, não discorda. “Deus se manifesta o tempo todo e em diferentes formas. Muitas até desconhecidas por nós. Sem dúvidas, os dons que recebemos são presentes dele e representar o Evangelho através da arte, levando-o a muitas pessoas, é uma forma de espalhar a fé”, finaliza.

DIFÍCIL PORQUE SIMPLES

RIO DE JANEIRO, 18/10/1991 - Da minha parte, gostei dessa alcunha -república do pão-de-queijo. Pode existir fora de Minas, não sei. Mas em Minas, o pão-de-queijo é uma quitanda especial. Superior. Se você não sabe o que é, não procure no dicionário. O dicionário é insípido.

Provável que nem registre a palavra. Cumpre sabê-la na boca, no remoto paladar, inconsútil. Gosto, aroma, vista, é tudo junto. Uma só onda que envolve. Impregna. E volta sempre, pavloviana.

OTTO LARA RESENDE E O EXÍLIO QUE NUNCA ACABOU

Ele saiu de São João del-Rei para a capital e de lá partiu para perambular no eixo Rio-São Paulo. Mas não conseguiu tirar da alma as marcas da 'pátria' Minas Gerais



Em 1979, em cerimônia de posse de uma das cadeiras na Academia Brasileira de Letras, Afonso Arinos de Melo Franco recebeu o mais novo integrante daquele Olimpo descrevendo... os mineiros. “Eles são moderados, prudentes, reservados, conciliadores, poupadores e matreiros, de fala mansa e matizada. Mas são também impetuosos, inovadores; não raro, boquirrotos, de índole ousada e corajosa”.

Nenhum outro discurso resumiria melhor o homem que a partir dali ocuparia a cadeira 39: Otto Lara Resende. O jornalista e escritor ácido que, ainda jovem, deixou a terra natal, São João del-Rei, e realizou êxodo comum aos filhos do Estado na década de 60. Em outras palavras, “desceu a montanha”, no meio do eixo Rio-São Paulo, trocando o café quente do interior pela maresia e pela efervescência cultural carioca.

Levou nas malas, porém, o sotaque, o pão de queijo e traços de “mineiridade” que nunca o abandonaram e se tornaram nítidas, principalmente, nas mais de 520 crônicas que assinou para a Folha de São Paulo até 1992. “São João ficou na alma dele. Mas só na alma e no discurso que ele emitia. Resende nunca voltou definitivamente. Passou grande parte da vida, morreu e foi enterrado no Rio num exílio eterno, eu diria”, explica o jornalista e professor universitário Douglas Caputo, autor de *Memória de Montanha em Areia de Praia*, pesquisa focada em Otto Lara sob a orientação do doutor Guilherme Jorge de Rezende, da UFSJ.

A instituição, aliás, o homenageou em 2005 numa edição do já tradicional Inverno Cultural aclamada inclusive pela própria Folha de São Paulo como uma das poucas rendições ao autor na terra natal.

Nome de viaduto em Belo Horizonte, praça no Rio de Janeiro, de ruas em São Paulo e no Paraná e até de conto que virou filme de Nelson Rodrigues, Otto Lara não

havia experimentado o reconhecimento efetivo no Campo das Vertentes.

“BICHO DE CONCHO”

O “não-retorno” de Otto Lara à “República do Pão de Queijo” – como se referia a Minas – jamais teve motivos explícitos. “No fim da vida, um jornalista questionou se ele voltaria para MG, acompanhando Milton Nascimento que retornava ‘puxando o trem dos mineiros’ do Rio. Como resposta ele ouviu: ‘Não mereço isso’. Ficou o duplo sentido. O Otto Lara era homem de ironia e humor muito finos. Não dá para saber o que realmente quis dizer”, comenta Caputo sobre o são-joanense.

Talvez por isso, somado à quietude e à fuga da auto-exposição, Otto Lara tenha ficado ofuscado numa cidade em que também nasceram Tancredo Neves, Dom Lucas Moreira Neves, Padre José Maria Xavier e Tiradentes – conforme ele próprio afirmava, embora seu berço, a Fazenda do Pombal, seja reconhecidamente localizada, hoje, em Ritópolis. “Resende era o típico mineiro, taciturno. Era o Otto das grandes tiradas mas, como gostava de definir, ‘um bicho de concho’. Totalmente avesso aos holofotes”, completa o professor universitário.

MIGRAÇÃO

Otto Lara nasceu em 1º de maio de 1922 na Rua da Matola. Era o quarto dos 20 filhos do casal Maria Oliveira e Antônio de Lara Resende, professor e fundador do antigo Instituto Padre Machado, transferido para Belo Horizonte junto com a família em 1938.

Lá, o adolescente Otto descobriu a paixão por nomes como Machado de Assis e, segundo ele, o contato com ta-

manho ceticismo e ironia o tornou, precocemente “mais amargo e mais pessimista do que Machado”.

Também foi nessa época que descobriu, com maior intensidade, a paixão pelo jornalismo, atuando como editor do jornalzinho do colégio, mas sofrendo com a censura de um professor que o fez recorrer ao pseudônimo para tentar se safar. Fez uma escolha quase óbvia: “Oh, tu”.

O TRANSGRESSOR TRANQUILO

Foi o primeiro rompante de Otto Lara, que mais tarde seria responsável, também, pelo jornal Liberdade, claro manifesto contra o Estado Novo. Sua passagem por publicações, porém, não parou aí.

Jornalista apaixonado, o são-joanense editou suplementos no Diário de Minas e, instalados em terras cariocas, nas páginas de O Globo, Correio da Manhã, Última



Hora, Jornal do Brasil e na Revista Manchete. Isso sem falar na TV Globo, onde chegou a apresentar um programa.

Nada disso, porém, chegava a calar o espírito questionador. No Rio, diz o folclore da boemia no Leblon, costumava discursar contra o Regime Militar em mesas de bar. Usava-as inclusive como palanque onde subia para criticar a Ditadura. Rodeado por amigos, fazia troça. “E, para que ninguém tenha dúvidas quanto à minha posição, declaro que me chamo José Aparecido de Oliveira”, teria dito.

A história foi relatada por Maria Leonor, esposa do também mineiro e político José Aparecido de Oliveira, a Bertha Maakaroun, do Estado de Minas.

Tamanho senso de humor – apesar do perigo – não existia, porém, quando o assunto era a auto-crítica. Reza a lenda que em 1957, ao publicar o segundo livro de contos, *Boca do Inferno*, teria perambulado livrarias cariocas recolhendo todos os exemplares.

A obra teria sido estopim para críticas ferrenhas do pai, através de carta, e reclamações formais da ala conservadora da Igreja Católica. “Esse livro rendeu a ele muita dor de cabeça. Os textos tratavam de jovens que, embora com ima-

gem angelical, eram dissimulados e malevolentes. Ele falava dessa transição para a idade adulta de forma sombria, questionadora, irônica, cheia de culpa. E tudo num cenário obviamente mineiro. Pode parecer bobagem, mas na época a casa dele chegou a ser atingida com fezes em protesto à publicação”, lembra Caputo.

O HOMEM DE FAMÍLIA

Criado sob tradição religiosa e ao redor da paisagem tomada por igrejas, Otto Lara era a representação da tradicional família mineira. E carregou esses traços para o Rio de Janeiro, onde se casou com Helena Pinheiro, neta do ex-governador de Minas, João Pinheiro.

Mais do que esposa que ele louvava e com quem se dizia “casadíssimo”, Helena foi também revisora dos escritos do marido, analisando-os antes mesmo de nomes como Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes e Nelson Rodrigues.

Com ela teve quatro filhos e deu a eles criação semelhante à própria, embora longe do barroquismo mineiro. “Como pai, me considero, modéstia à parte, uma mãe exemplar”, costumava dizer o jornalista e escritor, fiel parti-

cipante das missas aos domingos, além de guarda das tarefas escolares das crianças. “Mesmo com tanto tempo no Rio, o Otto Lara não abandonou os traços da ‘pequena pátria, Minas’. O casamento com a Helena foi, na verdade, um enlace com as tradições mineiras. A musa do Otto carregava a imagem poética das mulheres das Aliterosas, criadas dentro do regime patriarcal”, comenta Caputo em referência à mulher com quem o escritor viveu 44 anos, até a morte, deixando nove livros de contos, uma novela, um romance, centenas de crônicas, matérias incontáveis e uma infinidade de amigos que, inclusive, o redimiram.

“Eu poderia escrever, aqui, páginas e páginas lembrando-me de Otto, da sua humanidade, da sua integridade, da sua lealdade e generosidade para com os amigos. Passou comigo, junto a Fernando Sabino e Hélio Pellegrino, toda a noite do velório de meu filho primogênito. Eram lendárias as suas tiradas humorísticas, sempre desconcertantes. As crianças o fascinavam. Seu livro *Boca do Inferno* está entre os mais pungentes que já li, narrando dramas e tragédias da infância”, escreveu Afonso Arios ao Jornal do Brasil.

O TRABALHO ACADÊMICO

Memória de montanha em areia de praia: subjetivação e interstícios em Otto Lara Resende foi desenvolvido entre 2010 e 2013. Nesse período, Caputo se debruçou sobre toda a produção do escritor e jornalista à Folha de São Paulo: 523 crônicas entre maio de 1991 e dezembro de 1992 publicadas religiosamente na página 2 do impresso.

Desse total, nove falavam sobre Minas Gerais ou o Rio de Janeiro em si, expondo a travessia cultural, política e pessoal de Otto Lara entre os dois estados. O resultado: cerca de 200 páginas que deram continuidade a trabalho de iniciação científica realizado entre 2006 e 2007 também sob orientação de Guilherme Rezende. Na investigação anterior, porém, o propósito era verificar a cultura da Mineiridade em Otto Lara. “Desta vez fomos além e abordamos também a Cariquice presente na obra”, explica Caputo que, com isso, dissertou sobre o exílio físico e o retorno discursivo do autor. “Passear por Minas e pelos amigos mineiros era uma obsessão que Otto carregou para sempre. Com isso, ele fez confluir em um só lugar os desígnios da tradição mineira e o jeito espontâneo do carioca”, concluiu. O trabalho completo pode ser acessado em <http://bit.ly/1wq4X2Q>.





Cerca de 60 mil pessoas passam pelos estantes em cada edição

SÃO TIAGO OFERECE REDENÇÃO À GULA

Cidade reconhecida nacionalmente como polo na produção de biscoitos oferece toneladas de delícias gratuitas uma vez ao ano e encanta turistas


A cidade tem nome de santo, mas é convidativa para o pecado da Gula. Além de quitutes que representam seu maior milagre, as mais de 3 mil pessoas envolvidas na produção dos já famosos – e tradicionais – biscoitos de São Tiago tiram dos fornos, também, pequenos exemplares de tentação.

E uma vez ao ano elas são distribuídas na Festa do Café com Biscoito, que chega a aumentar o fluxo de pessoas no município em até seis vezes. Com isso, todo mês de setembro é assim: as fumaças das chaminés de 70 fábricas se materializam em mais de 5 toneladas de biscoitos disponibilizados gratuitamente em pelo menos 20 barracas – que contam também com litros e litros do mais mineiro dos cafezinhos.

Para quem quer mais, o que não faltam são opções para serem levadas para casa, já que aproximadamente 10 mil pacotes com até 400g de maravilha artesanal são colocados à venda.

O resultado? Milhares de “Hmmm” em apenas um final de semana e reforço em atividade econômica que envolve quase 30% da população e acumula produção de quase 200 toneladas de quitutes todos os anos.

Com isso, São Tiago se responsabiliza, sozinha, por 5% de todo o contingente de biscoitos fabrica-



Pelo menos cem variedades de quitutes são preparadas e servidas no município

dos em Minas Gerais, o segundo maior polo nacional das iguarias.

EMPREENDEDORISMO

O hoje empresário Ivan de Castro, de 42 anos, se orgulha em fazer parte dessa matemática. Há quase duas décadas atuando no mercado de biscoitos de São Tiago, Castro montou, há exatos 24 meses, a própria fábrica. “Costumo dizer que é um negócio-bebê”, brincou ele, que nesse tempo registrou uma contratação direta a cada bimestre e trabalha ao lado da esposa e do filho.

Durante a 16ª edição da Festa do Café com Biscoito, entre 12 e 14 de setembro Castro montou barraca que ostentava, sozinha, 17 variedades de guloseimas para experimentação e compra. Uma amostra dos quase 400 quilos de produtos assados diariamente e distribuídos para todo o Sudeste do país. “Estamos apenas começando, mas com força e vontade de crescer. São Tiago é um celeiro de possibilidades e oferece chances a todo mundo. Há algum tempo atrás eu era funcionário. Hoje abri as portas da produção própria e torço para que, amanhã, algum colaborador meu possa fazer o mesmo”, diz.

VARIEDADE

O mesmo defende Alexandre Nunes, que há 16 anos gerencia o próprio estabelecimento e há dois investe na linha de biscoitos funcionais. Hoje, 30% dos pacotes que saem dos fornos administrados por ele contam com ingredientes integrais e com selos de “zero lactose” ou “zero glúten”.

“Sem deixarem de ser gostosos. Esse é o maior trunfo”, comemorou recebendo o aval de quem passou pelo estande dele.

Uma delas, a aposentada Cristina Almeida. “Estou numa fase da vida em que não posso cometer excessos. Tenho que seguir uma dieta rígida e garantir mais alguns anos brincando com os netos. Saber que encontro produtos com linhaça e granola capazes de dar água na boca é um presente dos céus”, riu a moradora de Belo Horizonte, de 69 anos.

FUTURO

E quem disse que biscoitos são coisa de gente grande? Ao longo da festa que em 2014 reuniu 60 mil pessoas, pequenos mestres-cucas da arte de produzir delícias também ganharam espaço na Oficina de Biscoitos Falantes, coordenada pela psicóloga Maria Julieta Fische da Mata. “Por que apenas degustar o que oferecemos aqui se podemos mostrar os bastidores, resgatar toda uma trajetória na cidade e tentar manter viva, de forma lúdica, a vontade de seguir produzindo o que São Tiago tem de melhor?”, questionou sorridente enquanto recebia mais uma turma de aprendizes.

A tenda que mais parecia uma fábrica de sorrisos e massinha colorida reuniu 400 crianças em três dias de festa. Ao longo de aproximadamente meia hora, elas ouviam histórias sobre as guloseimas mais famosas do Campo das Vertentes, interagiam e aprendiam atentamente como amassar, enrolar e enfeitar delícias só deles. “Esse aqui não tem em nenhuma

barraca”, comentou orgulhosa a pequena Ana Clara Souza, de 6 anos.

TURISMO

Um dos motes na produção de biscoitos em São Tiago é primar por matéria-prima da própria região. Em outras palavras, grande parte dos quase cem sabores diferentes mostrados na Festa do Café com Biscoito vem do próprio Campo das Vertentes.

Com isso, além de movimentar o mercado de trabalho, empregando mão-de-obra local, a Fantástica Fábrica de Quitutes também impulsiona a agropecuária enquanto estimula o setor de serviços com distribuição, venda e revenda dos produtos.

O turismo também agradece. Com o nome circulando por cozinhas de todo o país e incluído no mapa definitivo dos roteiros artesanais em expansão no Brasil, São Tiago já é chamariz de visitantes que passam pela região.

E mais: com a Festa do Café com Biscoito, abocanha grande fatia dos turistas que vêm para essas bandas aproveitar a agenda cultural e gastronômica efervescente. “Essa é, com certeza, uma das maiores realizações do Campo das Vertentes. E se encontra em um patamar de crescimento que não para e chama os holofotes para a região. Hoje ela consegue oferecer um leque absolutamente atrativo e democrático de atrações e realizações ao longo de todo o ano para os turistas. E São Tiago tem papel de destaque nisso”, comenta o gestor da Trilha dos Inconfidentes, Marcus Januário.



CONTA CAPITAL SICOOB

**Para quem
é dono e participa
dos resultados.**



INVESTIR NA SUA COOPERATIVA É SEMPRE UM ÓTIMO NEGÓCIO.

Ao se associar ao Sicoob, você adquire cotas da sua cooperativa. O valor dessas cotas é depositado na Conta Capital, uma conta individual, aberta em seu nome. As suas cotas, juntamente com as dos outros associados, integram o capital social da cooperativa. Assim, quanto mais cotas você adquire, mais capitalizada será a sua cooperativa e maior a sua participação no crescimento dela.

Invista na sua Conta Capital. Os benefícios são muitos:

- Você investe no que é seu;
- Incrementa o volume de recursos disponíveis para as operações de crédito e financiamento da sua cooperativa;
- Quanto mais o associado investe em capital, mais forte a cooperativa fica e melhores resultados esta pode gerar.
- O capital integralizado na cooperativa ainda é um investimento para você, já que existe a distribuição proporcional das sobras de acordo com o montante do capital de cada associado.

Conta Capital. Sua cooperativa cresce e sua participação também.

Procure uma de nossas agências.
www.credivertentes.com.br



SICOOB
Credivertentes



O homem das escrituras

'Tônico do Cartório' registra, com capricho e sigilo, a história imobiliária de Resende Costa

Dizem que todas as casas de Resende Costa têm pelo menos um tear. Exceto a de Antônio de Paula Pinto, o Tônico do Cartório. Na dele o que se encontra são papéis, aos montes, em chumaços amarelados.

“Não tenho talento para as artes, não. Meu negócio é registro, carimbo”, diz, esquecendo de outra habilidade primordial: a de ser o típico boa-praça, com humor nada contaminado pela burocracia em excesso com que tem que lidar todos os dias, desde 1964, no 1º Ofício e Registro de Imóveis.

Em meio à vida cheia de escrituras que escolheu ainda na juventude “por falta de emprego”, Antônio aprendeu a trabalhar com a seriedade inspirada no pai e a viver com a leveza despertada pela mãe, exímia jogadora de baralho nas horas vagas.

Hoje, aos 73 anos, o resendencostense coloca todas as cartas na mesa e analisa a própria história. Entre perdas dolorosas, sustos, vitórias e fugas para o litoral do Espírito Santo, Antônio encontrou o equilíbrio e a paz interior com uma única regra: não se preocupar. “Se você chegar aqui e falar que o rio tá correndo pra cima, não vou nem franzir a

testa. Só batalho pelo que posso mudar”, compara rindo.

O CARTÓRIO

Na lista de guerras que teve que travar, está a manutenção do pequeno cartório que montou em um prédio no centro de Resende Costa.

Garantir que mantivesse as portas abertas significou criar inimizades, a princípio, e contar com boas amizades depois. “Trabalhei muito tempo no Banco de Minas Gerais, mas precisei sair. A coincidência é que naquela mesma época o titular deste cartório estava se aposentando. Fui nomeado para substituí-lo e encarei a concorrência inclusive de um homem que já estava no setor desde 1939 e não curtiu muito a ideia (*risos*). Em 1983 fiz o concurso e passei”, relembra.

Houve alívio? “Nada! Eu era filiado a um partido que era oposto ao de muita gente com poder em Resende Costa na época. Sofri muito. Mas tinha meus ideais e nunca abri mão deles. Inclusive já fiquei turrão e entrei em briga pelas coisas em que acreditava, pela minha idoneidade. Já houve quem duvidasse do meu trabalho e até quisesse acabar com ele.

No fim, provei que estava certo e ainda salvei a pele dele em problemas burocráticos. Sei o que estou fazendo”, completa.

Foi baseado nisso tudo, aliás, que resistiu às investidas de um juiz de Direito que queria suspender o cartório em Resende Costa. Conseguiu manter-se firme com a ajuda de juristas que o apoiaram no apelo para permanecer. “Bastaram alguns telefonemas e tudo resolvido. Aqui estou eu subindo essas escadas do escritório mais de 30 vezes ao dia. Só não sou sarado porque passei da idade”, brinca o homem das escrituras que também se orgulha de ter tido entre os amigos ninguém menos que Tancredo Neves. “Acho engraçado as pessoas falarem nele com muita solenidade porque era um homem que entrava lá em casa e se esparramava no sofá sem a menor cerimônia. Foi uma das pessoas mais fantásticas, sonhadoras e determinadas que já conheci. E uma das perdas mais dolorosas também”, confessa.

CONFESSIÓNÁRIO

O 1º Ofício e Registro de Imóveis, em Resende Costa, é um daqueles lugares em que parede não têm ouvidos. Ali, só Tônico



escuta os “segredos de cartório” que, garante, vai levar para o túmulo. “Muita gente senta aqui, chora, conta problemas em casa ligados a heranças, divisão de bens, negócios mal sucedidos. São coisas que afetam o dia-a-dia, às vezes fazem mal. Gente quer alento e ajuda. Às vezes as pessoas até precisam que a gente meta a colher em briga de marido e mulher. Mas são dramas pra serem resolvidos, não divulgados. Sou profissional e respeito. Já imaginou um padre sair por aí contando os pecados de todo mundo?”, questiona.

E o comentário veio a calhar. Herança, talvez, do período em que foi interno em um colégio católico, entre os 12 e 16 anos. Os planos dos pais? Tornar o filho um seminarista. “Em 1952, quem era pobre e não tinha dinheiro para estudar virava padre. Viajei três dias e três noites até Santa Catarina para ficar quase cinco anos sem ver pai, mãe e irmãos. Saí de lá e fui tentar a sorte em São Paulo, trabalhar. Tinha uma fé inabalável, mas não queria ser pastor de nenhuma ovelha. Queria ter uma família, filhos”, conta.

Foi lá que, aos 22 anos, se casou com Edite Pinto. Viveram juntos quase duas décadas até a

morte dela, vítima de câncer. “A vida é isso: lutar, conquistar, receber um diagnóstico ruim, lutar de novo, perder, se ver sozinho e meio perdido. Chorei? Muito. Homem que é homem derruba lágrimas e faz escândalo também (risos). Mas mesmo a tristeza tem que ter prazo de validade. A gente precisa ser maior que qualquer problema e qualquer dor”, ensina o pai de três filhos e avô apaixonado de seis netas. Todas com retratinhos colados na parede do cartório. “São meus pequenos patrimônios. Família a gente também constrói, registra, cuida. É nossa morada mesmo. A diferença é que a gente não vende por dinheiro algum no mundo”, declara.

E por falar em família, Tonico tem orgulho em dizer que a dele cresceu – e muito! – após trocar alianças pela segunda vez, há 25 anos, com Maria Magalhães. “O único problema é fazer almoço de domingo pra todo mundo. O resto é bom demais”, gargalha.

CORAÇÃO DE PAPEL

Em meados de setembro, quando falou com a reportagem do *Vertentes Cultural*, um incêndio havia destruído um supermercado em Resende Costa, o

mais tradicional da comunidade. Tonico parecia não acreditar e a cada cinco minutos mencionava o incidente, agradecia pela falta de vítimas e tentava elaborar possibilidades para as dezenas de empregados sem rumo naquela hora.

Eram sinais de uma das duas coisas de que não abre mão: oferecer apoio a quem precisa. A outra é almoçar cedo. “Pra tudo há hora nessa vida. Pra trabalhar, dormir, até pra morrer. Comer é um prazer que faço questão de cumprir pontualmente”, disse durante a entrevista sem olhar para o relógio.

Já eram 11h e a conversa se estendeu por mais uma hora. Tonico não se cansa de abrir exceções. Só bate o pé e teima quando ouve uma palavra: aposentadoria.

“Não sou esses senhores de propaganda, com cabeça branca, sentadinho num banquinho jogando xadrez e feliz. Admiro quem consegue descansar e acho merecido. Mas não consigo me desligar. Só paro quando Deus mandar ofício dizendo que me quer lá em cima ou se ganhar uma bolada na MegaSena. Caso contrário, vou subir essas escadas todos os dias mesmo que carregado”, promete.

DEIVIDSON COSTA & MARIANE FONSECA



O TABELIÃO QUE ESCREVEU A HISTÓRIA. A MÃE QUE A TROUXE À TONA

A perseverança, talvez, esteja no DNA. Tônico é sobrinho de ninguém menos que Juca Chaves, homem simples e “alfabetizado pela vida” que se transformou em um dos maiores historiadores de Resende Costa. Bem como o sobrinho célebre do município, Juca abriu um cartório em 1939, mas na cidade Jacarandira. “Era um homem santo. Nunca fez mal a alguém. Era do tipo que deixava a comida no prato até no domingo pra socorrer quem precisasse de um registro. E de lá partiu Minas afora, mas sempre escrevendo sobre Resende Costa.

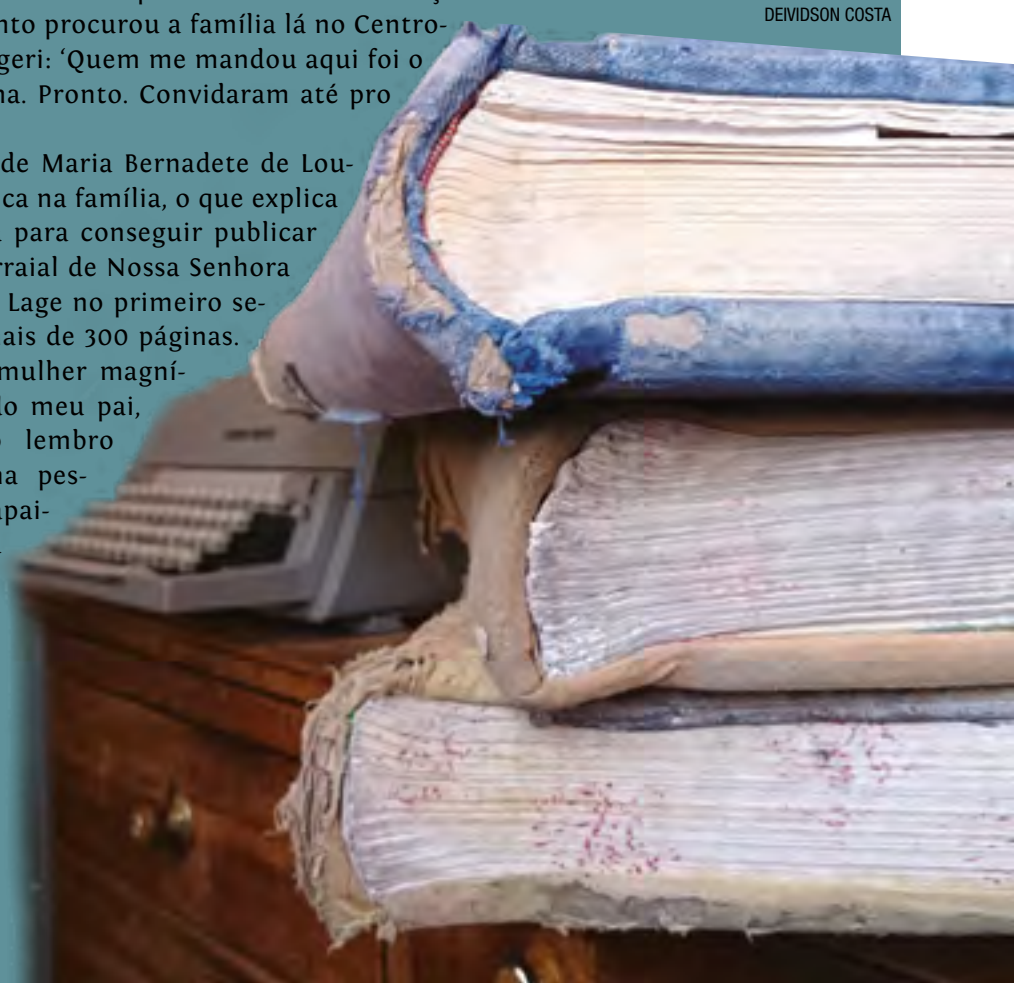
Foram 55 anos dedicados à pesquisa e aos relatos apurados desde os anos 20 e recusados por editoras até a década de 70, quando tudo foi guardado a sete chaves pela família... Chaves. “Era uma preciosidade que ninguém entregava. Havia muitas reservas e um cuidado impressionante em nome da memória dele. Já não queriam nem que fosse publicado”, conta o oficial de registro.

Tudo mudou quando a Associação dos Amigos da Cultura de Resende Costa (amiR-Co) resolveu trazer os escritos a público dentro da Coleção Lageana. “O Rosalvo Pinto procurou a família lá no Centro-Oeste e disse o que sugeri: ‘Quem me mandou aqui foi o Tônico, da Tia Nhazinha. Pronto. Convidaram até pro almoço’”, gargalha.

Nhazinha, apelido de Maria Bernadete de Loures, é figura emblemática na família, o que explica o peso de mencioná-la para conseguir publicar Memórias do antigo Arraial de Nossa Senhora da Penha de França da Lage no primeiro semestre de 2014, com mais de 300 páginas.

“Minha mãe foi uma mulher magnífica e a cara-metade do meu pai, Geraldo Magela. Não lembro de ter conhecido uma pessoa tão expansiva e apaixonante. Conquistava todo mundo de uma forma tão bonita que ninguém se irritava quando ela roubava nas partidas de baralho. Só meu pai. Mas um minuto depois estava lá jogando com ela de novo”, relembra o tabelião.

DEVIDSON COSTA



Agências Sicoob Credivertentes

Alfredo Vasconcelos
Av. Agostinho Bianchetti, 49 loja A
Centro - MG - CEP: 36.272-000
Tel.: (32) 3367-1580
E-Mail: alfredovasc@sicoobcredivertentes.com.br

Barbacena
Av. Bias Fortes, 572
Centro - MG - CEP: 36.200-068
Tel.: (32) 3333-2899
E-Mail: barbacena@sicoobcredivertentes.com.br

Conceição da Barra de Minas
Praça Cônego João Batista Trindade, 148
Centro - MG - CEP: 36.360-000
Tel.: (32) 3375-1170
E-Mail: concbminas@sicoobcredivertentes.com.br

Coronel Xavier Chaves
Rua Padre Reis, 25
Centro - MG - CEP: 36.330-000
Tel.: (32) 3357-1301
E-Mail: cxchaves@sicoobcredivertentes.com.br

Dores de Campos
Av. Governador Valadares, 187
Centro - MG - CEP: 36.213-000
Tel.: (32) 3353-1122
E-Mail: dorescampos@sicoobcredivertentes.com.br

Ibertioga
Avenida Bias Fortes, 198
Centro - MG - CEP: 36.225-000
Tel.: (32) 3347-1463
E-Mail: ibertioga@sicoobcredivertentes.com.br

Itutinga
Praça Presidente Costa e Silva, 173
Centro - MG - CEP: 36.390-000
Tel.: (35) 3825-1144
E-Mail: itutinga@sicoobcredivertentes.com.br

Madre de Deus de Minas
Rua Maestro José Gonçalves de Oliveira, 155
Centro - MG - CEP: 37.305-000
Tel.: (32) 3338-1142
E-Mail: madredminas@sicoobcredivertentes.com.br

Mercês de Água Limpa
Rua Joaquim Vivas da Mata, 174
Centro - MG - CEP: 36.352-000
Tel.: (32) 3376-8109
E-Mail: mercesalimpa@sicoobcredivertentes.com.br

Morro do Ferro
Praça Coronel José Machado, 294
Centro - MG - CEP: 35.541-000
Tel.: (37) 3332-6007
E-Mail: morroferro@sicoobcredivertentes.com.br

Nazareno
Rua Francisco Ribeiro de Carvalho, 178
Centro - MG - CEP: 36.370-000
Tel.: (35) 3842-1315
E-Mail: nazareno@sicoobcredivertentes.com.br

Prados
Rua Magalhães Gomes, 88
Centro - MG - CEP: 36.320-000
Tel.: (32) 3353-6398
E-Mail: prados@sicoobcredivertentes.com.br

Resende Costa
Av. Gonçalves Pinto, 73
Centro - MG - CEP: 36.340-000
Tel.: (32) 3354-1040
E-Mail: resendecosta@sicoobcredivertentes.com.br

Ritópolis
Rua Santa Rita, 111
Centro - MG - CEP: 36.335-000
Tel.: (32) 3356-1370
E-Mail: ritapolis@sicoobcredivertentes.com.br

São João del-Rei
Rua Quintino Bocaiúva, 88
Centro - MG - CEP: 36.307-312
Tel.: (32) 3371-5313
E-Mail: saojdrei@sicoobcredivertentes.com.br

São Tiago
Praça Ministro Gabriel Passos, 114
Centro - MG - CEP: 36.350-000
Tel.: (32) 3376-1080
E-Mail: saotiago@sicoobcredivertentes.com.br

São Tiago - SEDE
Rua Carlos Pereira, 100
Centro - MG - CEP: 36.350-000
Tel.: (32) 3376-1386
E-Mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br



SICOOB
Credivertentes